

state of books



Histórias de Trono de Vidro

Sarah J. Maas

Crimson Chains

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Histórias de Trono de Vidro – by Sarah J. Maas

Arte da capa: <https://pin.it/6k6vkKf>

Arte da contracapa: WordPress.com

Caro leitor, aqui estão as histórias extras da saga Trono de Vidro que não foram incluídas nos livros, tanto físicos quanto digitais – mas foram reunidas aqui por uma fã inexperiente em edição mas com boas intenções.

Atenciosamente,

Uma bookstan

2020 – Editora @stateofbooks

State of Books

Histórias de Trono de Vidro

Sarah J. Maas

Outras obras da autora (lançadas):

Série Corte de Espinhos e Rosas:

Corte de Espinhos e Rosas

Corte de Névoa e Fúria

Corte de Asas e Ruína

Corte de Chamas Prateadas

Corte de Gelo e Estrelas

Série Trono de Vidro:

Trono de Vidro

Coroa da Meia-Noite

Herdeira do Fogo

Rainha das Sombras

Império de Tempestades

Reino de Cinzas

A Lâmina da Assassina

Torre do Alvorecer

Cidade da Lua Crescente:

Casa de Terra e Sangue

Sumário

Outras obras da autora	4
Extra de Trono de Vidro	8
O Capitão e o Príncipe	9
Extras de Coroa da Meia-Noite.....	17
A Assassina e o Capitão.....	18
A Assassina e a Princesa	24
Extra de Herdeira do Fogo	39
Rainha Vadia e Cuspidora de Fogo	40
Extra de Rainha das Sombras.....	65
Chaol & Nesryn	66
Extra de Império de Tempestades	82
A Rainha e sua Corte.....	83

Carta da Rainha

Bem, talvez esteja na hora de voltar aqui e mostrar a vocês as histórias que ficaram subentendidas durante alguns livros. Você vai ver como adquiri meu tão famoso apelido: "Rainha Vadia e Cuspidora de Fogo"; vai acompanhar alguns dos meus mais estimados amigos - Chaol Westfall e Nesryn Faliq - durante sua jornada até o continente sul, lerá sobre eu e minha corte durante nossa jornada até Terrasen... Ah! E é claro, os contos. Espero que vocês, meus adorados leitores, se divirtam e matem a saudade de sua exímia rainha e seus mais fiéis companheiros. Agora tenho que ir, Rowan está me procurando... Aquela besta feérica territorial! Até mais.

Carinhosamente
Vossa Majestade Real

Aelin Ashryver Whitlethorn Galathynius

P.S.: Olá! É o Fenrys... Dorian pediu para cumprimentá-los também. Ah e Elide também. E... Ah, não vou escrever mais nada! Caso eles queiram dar seus cumprimentos, que escrevam suas próprias cartas.

Extra de Trono de Vidro

O Capitão e o Príncipe

Dorian Havilliard estava parado na janela do quarto da torre, inclinando-se o máximo que ousava para respirar um pouco de vento no rosto. Ao longe, os telhados de esmeraldas de Forte da Fenda chiavam ao sol do fim de verão, e além deles, o sopé rolava em direção às nuvens de tempestade que se acumulavam no horizonte ocidental.

A chuva seria um alívio. Foram três semanas de calor sufocante, duas semanas sem um sussurro de vento no Avery, e o fedor da cidade apodrecida alcançara agora até as torres mais altas do castelo de vidro.

O cheiro de sujeira era tão ruim que a maior parte da corte de seu pai havia partido — para o mar ou para o norte. Ou ambos. O calor tornava tudo insuportável; a série interminável de reuniões do conselho e jantares estaduais, mesmo quando cercados por criados que os abanavam com folhas de palmeira importadas de Eyllwe, ficara ainda pior.

E se o calor miserável não fosse o suficiente, o tópico dessas reuniões deixaria o temperamento de Dorian um pouco mais forte.

Limpando o suor da testa com as costas das mãos, Dorian enfiou as mangas da camisa branca nos cotovelos e encarou o capitão da guarda. Chaol, que estava lendo algum documento ou relatório no outro sofá perto da lareira apagada, olhou para cima.

— Bem?

— Eu ainda estou pensando sobre isso, - disse Dorian, indo para a mesa de carvalho que antes era destinada para refeições, mas agora estava coberta por pilhas cada vez maiores de livros e papéis.

— Seu pai queria sua decisão ontem.

Nenhum sinal de agressão ou condescendência — apenas de preocupação. Chaol estava sempre preocupado. Mesmo que ele raramente mostrasse. Não, mesmo no calor, Chaol ainda usava seu

uniforme preto, ainda parecendo nítido e alerta e pronto para enfrentar qualquer ameaça.

— Este... concurso — Dorian cuspiu a palavra — é absurdo. Um desperdício de ouro, um desperdício de tempo, um desperdício da vida os homens. — Ele pegou a jarra de água entre as duas pilhas de livros e serviu a si e a Chaol um copo. — Eu nem entendo por que ele precisa de um campeão quando ele tem a você e seus homens. Além disso, os deuses sabem quantas pessoas sombrias trabalham para ele.

Chaol largou os papéis enquanto Dorian lhe entregava o copo, mas franziu a testa.

— Os outros ministros já selecionaram seus campeões. Quer você queira ou não, a competição de seu pai acontecerá. — Chaol tamborilou com os dedos no tecido gasto da parte de trás do sofá. — Se você se recusar a jogar, ele fará uma declaração — um flash de olhos de bronze. — E eu não acho que seja o tipo de afirmação que você deseja fazer agora.

Chaol sabia — sempre soube — do tumultuado relacionamento de Dorian com seu pai. Dorian nunca tinha sido completamente rebelde, talvez porquê Chaol estivesse lá para interferir sutilmente, para impedir Dorian de dizer ou fazer algo que mais tarde se arrependeria. Mas a cada ano, a cada mês, a cada dia maldito pelos deuses, ficava cada vez mais difícil de se submeter.

Ele não sabia exatamente o porquê. Ele nunca tinha visto um daqueles campos de batalha longínquos onde os exércitos de seu pai ainda lutavam para reprimir qualquer revolta rebelde, nunca havia visto os campos de trabalhos forçados em Calaculla ou Endovier, nunca estivera em uma das câmaras de interrogatório de seu pai, escondidas em toda Forte da Fenda. Dorian não apoiava os rebeldes, não queria fazer parte de rebelião de ninguém, mas... Talvez fosse apenas por que ele era tão escravo da coroa quanto o resto do continente.

Dorian tomou um longo gole de água. Já estava quente.

— Se eu for pressionado a entrar nessa competição, — Dorian refletiu, mais para si mesmo do que para o amigo — então eu quero vencer.

Chaol assentiu como se estivesse esperando por isso. O que não era de todo surpreendente. Nem foram as próximas palavras do capitão.

— Eu tenho uma lista de possíveis campeões que podemos abordar.

Dorian terminou sua água.

— Quem?

Chaol mencionou quatro nomes — três deles soldados de alguma notoriedade, e um mercenário com quem Chaol havia trabalhado nos últimos anos. Mas Dorian balançou a cabeça.

— Não. Não, eles são muito... comuns. — Os outros ministros escolheram soldados, mercenários e ladrões. E se Dorian não pôde fazer uma declaração ao pai recusando-se a participar, então talvez...

Voltou à janela aberta para estudar Forte da Fenda, como se pudesse ver todas as pessoas e criaturas serpenteando pela cidade. Ele nunca foi autorizado a percorrer Forte da Fenda sozinho, e a última vez que ele teve uma noite fora havia sido um ano atrás. A festa na propriedade do rio havia sido a mais luxuosa que Dorian já havia visto, e Chaol quase perdeu a posição quando soube — quando seu pai soube — quem realmente estava naquela festa.

Rebeldes ricos do reino de Melisande, cortesãos do melhor bordel de Adarlan. E misturados com todos eles haviam ladrões, mercenários e assassinos. Não apenas quaisquer assassinos, deuses acima, mas Arobynn Hamel, rei dos assassinos, e sua cabala de assassinos notórios. Dorian inconscientemente dançou e bebeu com todos eles, e Chaol, que fora informado de que a propriedade pertencia ao emissário visitante de Melisande, o deixou ficar lá por horas.

Ninguém sabia quem eram eles, graças às máscaras que usavam em outra festa mais cedo naquela noite, mas... mesmo agora, Dorian não conseguia reprimir um calafrio ao pensar em com quem ele poderia estar dançando, com quem ele poderia ter tilintado copos, com...

Por um piscar de olhos, Dorian podia jurar que sentiu em vento frio do Norte em seu rosto, fracamente perfumado com pinheiros e neve. Ele inclinou a cabeça para fora da janela, tentando pegar um pouco mais, mas apenas o sol implacável intenso o cumprimentou. Ele soltou um suspiro e novamente estudou a cidade.

Arobynn Hamel seria um bom campeão, mas o homem não tinha incentivo para participar. Eles provavelmente nem seriam capazes de encontrá-lo. Ou saírem dessa reunião vivos. Mas...

Mas.

— Celaena Sardothien — Dorian murmurou.

— O quê?

Dorian virou-se da janela e encontrou Chaol se aproximando dele.

— Celaena Sardothien.

Chaol apenas o encarou com as sobrancelhas estreitas.

Fazia quase um ano que a infame assassina havia sido capturada, julgada e sentenciada a uma vida inteira de trabalhos forçados em Endovier. Dorian e Chaol estavam na cidade litorânea de Suria quando aconteceu, e embora eles tivessem corrido de volta para Forte da Fenda, quando chegaram, ela se foi. Os guardas que a observaram foram convenientemente transferidos para postos avançados na fronteira, seu pai selou todos os documentos sobre sua captura. Ou qualquer coisa sobre ela. Até os jornais tinham pouca informação, exceto uma lista de vítimas e seu castigo. Eles nem sabiam quantos anos ela tinha.

— Não — disse Chaol, em voz baixa, mas atado ao clima de tensão.

Dorian inclinou a cabeça.

— O boato dizia que Sardothien era a melhor. Quem mais adequado para ser o campeão de meu pai? Além disso, ouvi dizer que ela também era bonita. — Ele sorriu. — Por que não ter algo agradável para olhar durante a competição?

— Ela está em Endovier há um ano, Dorian. Duvido que ela seja muito para olhar. Na verdade, ela provavelmente está morta.

Dorian poderia ter ignorado se Chaol não tivesse falado tão calmamente, tão claramente.

— Diga-me o que você sabe. — Oh, Chaol definitivamente estava escondendo algo.

— Ela provavelmente está morta. — Chaol repetiu e cruzou os braços.

Eles haviam lutado antes — muitas vezes. E nesse calor horrível... Dorian empurrou seu próprio temperamento.

– Conte-me.

Chaol lançou-lhe um olhar penetrante, que ele geralmente reserva para seus homens. Dorian recusou-se a quebrá-lo, e por sua vez, lançou-lhe o olhar gloriosamente entediado que ele reservava para os ministros bajuladores.

Depois de um momento, Chaol suspirou pelo nariz e disse:

– Fiz algumas... investigações no ano passado. Para Endovier. Todos ficaram sem resposta. – Um lampejo de raiva e preocupação em seus olhos.

– Se meu pai tinha todos os documentos sobre sua captura e julgamento trancados, ele provavelmente ordenou que todas as perguntas sobre ela fossem ignoradas.

– A questão é porquê, no entanto.

Dorian balançou a cabeça.

– Seu palpite é tão bom quanto o meu. Talvez quem quer que seja, seja o que for, o ameaça. Ou o prejudica de alguma maneira. – Ele olhou novamente para a janela, para a terra além da cidade e sorriu levemente.

– E se ninguém responder suas cartas, talvez devêssemos ver por nós mesmos se ela está viva ou não.

– E se ela ainda é capaz de trabalhar.

Dorian fez uma careta. Depois de um ano em um lugar como Endovier, seria um milagre se ela ainda respirasse. Ele nem tinha considerado o dano ao corpo dela.

– Tenho certeza de que alguns meses de boa comida e exercício a ajudarão a se recuperar.

– Isso não significa nada se ela estiver quebrada de outras maneiras.

– Você quer dizer se ela ainda é sã.

Um meio sorriso, afiado com pouca quantidade de nojo.

– Se ela era mesmo sã, para começar.

O silêncio caiu e Dorian tomou outro copo de água. Mas se

Sardothien estivesse sã, se ela ainda não estivesse quebrada, se ela ainda estivesse viva...

— Endovier está a duas semanas daqui — disse Chaol lentamente — não é uma jornada fácil de fazer. Ou segura. Fica na fronteira de Terrasen, e os rebeldes ficaram inquietos o verão inteiro.

— Eu vou com você, então nem comece a tentar me convencer a ficar aqui. — Dorian não conseguiu esconder o estalo em sua voz. Deuses, apenas o pensamento de fugir do castelo, fugir de seu pai, mesmo que por um mês...

Chaol levantou as mãos.

— É meu trabalho, pelo menos, tentar mantê-lo seguro. E mesmo que eu diga sim a ser seu acompanhante, seu pai ainda precisa concordar. E terei algumas condições próprias.

Dorian revirou os olhos. Ele poderia estar vivendo no berçário real.

— Deixe meu pai comigo.

— É com isso que estou preocupado.

Dorian abriu a boca para protestar, mas encontrou um leve sorriso no rosto de Chaol. Talvez o capitão também quisesse sair do castelo por um tempo.

— Então você realmente não vai brigar por caçar Sardothien?

— Eu aprendi a escolher minhas batalhas com você.

Ele estudou o amigo.

— Vamos ouvir suas condições, então.

O sorriso de Chaol desapareceu e ele se sentou no encosto do sofá.

— Viajamos com meus homens, homens escolhidos por mim. — Dorian assentiu. Isso foi bom. E inteligente, se os rebeldes de Terrasen estavam realmente inquietos. — Essa jornada pode ser sua ideia, mas eu vou liderar. — Dorian ficou tenso com isso, mas assentiu novamente. — E, — acrescentou Chaol — quando chegarmos a Endovier, se eu achar que é muito perigoso tirá-la das minas, você cederá.

Dorian se endireitou.

— Então você tem a palavra final sobre se ela é adequada?

Um aceno conciso.

— Eu não estou questionando seu julgamento-

— Oh, acho que todas as suas condições dizem exatamente o contrário.

Um flash de ira, depois um movimento de cabeça.

— Eu não vou entrar em discussão com você sobre isso. Se não gosta dos meus termos, escolha outro campeão.

O que Chaol não precisava dizer era que, se ele se recusasse a escoltá-lo, nenhum outro guarda ousaria cruzar as ordens do capitão para levar Dorian a Endovier. E Chaol também não estava acima de ir ao pai de Dorian para garantir que sua ordem se tornasse um comando real.

Dorian rangeu os dentes.

— Essas não são exigências irracionais, — ele admitiu — Mas... em relação à adequação de Sardothien... — Chaol se acalmou. — Nós vamos decidir juntos.

Chaol soltou um suspiro. Então outro. Julgar, pesar, calcular.

Quando Chaol tinha aquele olhar contemplativo no rosto, era impossível dizer o que ele decidiria. Manter Dorian e esse castelo em segurança era sua primeira prioridade, mas Dorian sabia que ele também considerava a amizade dele quase tão importante, e às vezes o pesava em suas decisões. Mesmo que, como no ano passado, às vezes o metesse em problemas.

Mas Chaol suspirou uma terceira vez e disse:

— Tudo bem. Vamos decidir se ela está em condições de participar juntos. Mas — Dorian gemeu — prometa que não deixará que seu desejo impeça seu pai obscurecer seu julgamento.

— Eu não...

Um olhar aguçado.

Dorian levantou os olhos para o teto de pedra.

— Bem bem. Eu prometo.

Chaol terminou o jarro de água, e os dois se aproximaram da janela para olhar a cidade arrebatadora.

O capitão da guarda bateu os nós dos dedos contra a borda da janela de pedra.

— Para Endovier, então.

— Se meu pai dizer que sim — acrescentou Dorian, já imaginando como poderia abordar o rei sobre isso.

— Tenho a sensação de que você encontrará uma maneira de convencê-lo. — Disse Chaol, com um toque de sorriso em sua voz.

Um trovão resmungou à distância, as nuvens se aproximando, e Dorian podia jurar que ouviu Forte da Fenda suspirar de alívio. Ele novamente limpou o suor da testa e sorriu.

— Para Endovier, então.

Extras de Coroa da Meia-Noite

A Assassina e o Capitão

Celaena Sardothien, a maior assassina de Erilea e agora a campeã do rei, não se preocupou em apressar sua égua negra através das ruas cheias de Forte da Fenda. Mesmo após duas semanas de viagem de ida e volta até a base das montanhas Ararat, apesar de estar quase congelada e coberta pela poeira de uma centena de estradas, ela não estava tão ansiosa para alcançar seu destino final.

Ela não se surpreendeu ao encontrar Chaol Westfall em pé no sopé da colina no topo da qual o castelo estava empoleirado — não se surpreendeu ao ver a meia dúzia de guardas fazendo o possível para fingir que não estavam vigiando cada movimento ou sinalizando pelo caminho sinuoso que ela havia retornado. Ela já vira os homens que Chaol havia posicionado na própria cidade: nos portões da muralha, nas esquinas, nos telhados, todos observando qualquer sinal de seu retorno.

A aparência de Chaol continuava a mesma desde sua partida, seu uniforme preto e dourado, pressionado de forma limpa, o pomo em forma de águia de sua espada brilhando no sol no meio da manhã.

Pelo menos agora ele estava usando a lâmina. Após matar Cain no duelo, ele não a usou nas poucas semanas que levaram para ela se recuperar de seus ferimentos. Quando ela partiu no mês passado, ele ainda usava outra lâmina. Ainda tinha aquelas sombras em seus olhos de bronze.

Porém, essas sombras desapareceram agora, enquanto olhava para ele sob seu capuz preto. Ele estava de pé ao lado do portão, com os braços cruzados sobre o amplo peito, aquele familiar franzido em seus lábios. Ela estalou sua língua e desmontou, jogando as rédeas para um dos guardas que esperava enquanto se virou para encarar o capitão.

— O que... nada de flores?

O franzido se aprofundou. Ela sorriu amplamente.

Esta foi sua primeira missão, o primeiro teste de confiança e habilidade genuína. Celaena apontou com o queixo para um dos alforjes da égua. Uma protuberância maciça empurrava o couro desgastado.

— Quando você acha que ele me dará alvos dignos de minha habilidade?

Os olhos de Chaol se moveram de seu rosto para a cabeça no alforje, depois de volta para ela, a carranca se aprofundando.

— Você está com três dias de atraso.

Ela deu de ombros e não esperou sua permissão para começar a caminhada pela encosta até o castelo. Não, ela não precisava mais de permissão, não como campeã do rei. Mesmo assim, Chaol se retesou.

Ela riu baixo.

— Tente ir ao sopé das Montanhas de Ararat na calada do inverno e veja se você alcança qualquer lugar a tempo. Eu quase perdi meus dedos das mãos e dos pés para o frio. — Ela movimentou seus dedos no rosto dele. — Você nem deseja saber como eu consegui me manter aquecida.

Nada, nem mesmo a sugestão de um sorriso.

Ela suspirou e olhou para o céu.

— Será um açoitamento, o cavalete ou devo ser forçada a frequentar a corte da rainha por uma tarde?

Ele também não reagiu a isso, mas simplesmente começou a caminhar ao lado dela.

— Eu não sou o único com quem você precisa se explicar.

Ela o olhou de esguelha.

— Você estava preocupado que eu não voltaria? — Quando ele não respondeu, ela disse: — Quanto tempo antes de mandar seus cães para me caçar?

Ele olhou para ela dessa vez, seus olhos castanho-dourados eram ferozes.

— Uma semana, eu lhe daria uma semana antes de enviar meus homens para fazer perguntas. Contudo, você teve sorte: as notícias da morte do Senhor Carlin nos alcançaram relativamente cedo após você... cuidar dele.

Matar ele.

Cortou sua garganta e decepou sua cabeça. Jogou seu corpo no rio Ararat. Ela o observou silenciosamente, desafiando-o a dizer isso, mas ele já desviara o olhar.

Eles estavam a meio caminho da longa trilha quando ele disse silenciosamente:

— Você se machucou de alguma forma?

Ela riu com escárnio.

— Matar homens em suas camas não envolve muitos riscos. — Seus olhos se estreitaram. E, embora soubesse que não deveria, acrescentou:

— Ou envolva muita honra. É o que você está pensando, certo?

Um músculo sobressaiu em sua mandíbula.

— Eu sei o que sua posição implica.

Mas ela ainda se perguntou se ele, de alguma forma, havia esquecidos até agora — como se o baile de Yulemas ou o duelo com Cain o fizessem pensar que ela era outra pessoa, alguém inofensiva.

Mais silêncio, o castelo crescendo cada vez mais próximo.

— Suponho que Sua Majestade saiba que estou aqui?

— Ele quer se encontrar com você imediatamente. E traga sua... prova.

Ela fez uma careta.

— Eu sabia que ele queria as cabeças, mas... Ele quer vê-las na reunião? Quem estará lá?

— Que preocupação é para você?

Ela deu de ombros novamente. Cada detalhe dessa reunião era uma preocupação, especialmente Chaol com seus olhos muito afiados e a habilidade de cheirar até a mais inofensiva das mentiras.

— Eu só queria saber o quão sincera posso ser.

— Em frente do rei? Quer acabar de volta nas minas?

Ela lhe deu um sorriso doce.

— E aqui estava eu, pensando que ele e eu nos tornamos bons amigos.

Um lampejo de dentes.

— Você nem pense em...

— Um mês sem mim e você voltou a me levar a sério? Já estamos de volta a isso?

Ela não tinha percebido o quão profunda era essa pergunta até ele parar de andar.

Por um momento, eles apenas se olharam, um momento durante a qual ela se lembrou daquele dia após o duelo quando ele a segurou — não um capitão segurando uma assassina ou um amigo segurando uma amiga, mas um homem segurando uma mulher...

Se ela tentasse segurá-lo agora, ele a empurraria de lado? Ela não queria saber — não tinha a coragem de experimentá-lo.

Ou a coragem de se perguntar porquê ela queria.

— Eu confio em você. — Foi tudo o que ele disse.

— É por isso que você posicionou homens ao redor da cidade para me espionar?

— Eu tinha homens ao redor da cidade — ele disse com os dentes cerrados — porque eu queria ter uma chance de cumprimentá-la primeiro. Para ver se você estava bem.

Ela piscou e inclinou a cabeça. Cuidando dela, não espionando. Fazia tanto tempo que tinha tido alguém que se importasse o suficiente para se incomodar. Ela teve que engolir algumas vezes antes de poder responder.

— Claro que estou bem. — Uma resposta estúpida, mas ele começou a andar novamente. Ela o seguiu, piscando contra o brilho da neve derretendo no castelo de vidro. — Mas se eu não estivesse bem — ela ousou perguntar — o que teria feito?

Um encolher daqueles ombros poderosos.

— Não importa agora.

— Me deleite.

Ele não olhou para ela quando disse:

— Eu teria feito o que precisava fazer.

Ela cerrou os dentes.

— Pare de ser tão cauteloso.

— Eu não vejo como saber faria alguma diferença.

Ela sentiu suas narinas se dilatarem, mas manteve a boca fechada.

Tudo bem. Eles alcançaram os portões da frente do castelo. O rebuliço usual de cortesãos, servos, guardas e visitantes dificilmente foi diminuído pelo dia frígido. Ela olhou para as espirais superiores, seu estômago se contorcendo mais do que o pensamento de subir todos aqueles degraus para a sala do conselho do rei. Tanto dependia desse encontro — tanto que não se atrevia a pensar nisso. E certamente não na frente de Chaol, que podia ler seu rosto com uma facilidade desconcertante.

Então ela sorriu antes que ele pudesse vislumbrar seu rosto, descobrir a dúvida e o medo embaixo. Confiança absoluta, arrogância absoluta: seus melhores escudos e suas mais amadas máscaras.

— Espero que Sua Majestade tenha uma refeição decente para eu comer enquanto sou interrogada.

— Observe sua boca ou a única coisa que você estará comendo será carvão quente.

— Você realmente faz as pessoas fazerem isso?

Seus olhos se estreitaram.

— Que tipo de pessoa você acha que eu sou?

— Você é o Capitão da Guarda do homem mais poderoso do mundo. Wyrd sabe as coisas horríveis que você fez às pessoas.

— Você deve estar nervosa como o inferno se está tentando me insultar.

Ela não deixaria que isso a sacudisse, não permitiria que o sorriso irônico ou a arrogância parassem por um instante. Mas ela parou diante dos degraus curvos da frente do castelo. As melhores mentiras eram sempre misturadas com a verdade — que ele acreditasse no que ele quisesse.

— Você conhece a minha história com a Sua Majestade. — Afinal de contas, ele foi aquele que a trouxe para aquela reunião com o rei no primeiro dia da competição. Ele a tinha visto quase em pânico com o pensamento de encontrá-lo, a viu empalidecer.

Sem dúvida, ele estava pensando no mesmo encontro. Seus olhos se suavizaram e ele pôs a mão no ombro dela.

— Apenas seja... educada. Submissa.

— Agora isso é um verdadeiro desafio digno de minha pessoa.

Um meio sorriso.

— Se você for bem comportada, eu vou mandar um bolo de chocolate com avelã para seu quarto durante o nosso almoço.

— Nosso almoço?

Uma sugestão de cautela, mas um sorriso crescente.

— A menos que você tenha outra pessoa com quem preferisse jantar?

Ela mordeu o interior de seu lábio, olhando para uma das torres de pedra — a torre na qual Dorian tinha seus aposentos. Ela quis dizer cada palavra que ela disse para o príncipe herdeiro naquele dia em que terminara as coisas entre eles, e manteve a distância desde então. Então, não — não havia ninguém com quem ela preferisse almoçar hoje, nem mesmo Nehemia.

— Suponho que eu poderia suportar o almoço com você hoje — ela disse.

Ela não podia deixar de se perguntar se o sorriso dele era de diversão ou de algo mais. Mas a força total de seu sorriso foi suficiente para fazer o mundo parar.

— Eu senti sua falta — ela admitiu.

O sorriso de Chaol vacilou e ele novamente a encarou — questionando, calculando, imaginando. Ela esperou que ele olhasse em volta, para avaliar as pessoas que infestavam o terreno e a melhor maneira de responder, mas ele apenas continuou olhando para ela. Como se o mundo tivesse parado para ele também.

E então ele riu baixinho, mais para si mesmo que para ela, e disse:

— Estava chato pra cacete sem você.

Ela riu e subiu os degraus do castelo. E embora ela não tenha se estendido até ele, e embora ele não tenha oferecido seu braço, eles caminharam um pouco mais perto conforme se dirigiam ao rei.

A Assassina e a Princesa

O dia de inverno estava quente o suficiente para que Celaena Sardothien não se incomodasse com luvas quando partiu para Forte da Fenda.

A princesa Nehemia, no entanto, estava completamente infeliz. Ainda assim, ela recusou as repetidas ofertas de Celaena de levar uma carruagem para a avenida mais elegante da capital. Viajar de carruagem só tornaria o dia mais rápido, disse a princesa. E desde que elas reivindicaram o dia apenas para apreciar a companhia uma da outra, nenhuma jovem estava com pressa de vê-lo terminar rapidamente.

Então elas atravessaram Forte da Fenda, vestidas da melhor maneira possível enquanto ainda estavam quentes — e permanecendo relativamente despercebidas. Elas demoraram a atravessar a cidade, embora tivessem um acordo tácito de não se aventurar perto das docas, armazéns ou em qualquer lugar onde pudessem encontrar qualquer prova viva do império de Adarlan — e a conquista brutal do continente.

Depois de passar um ano como escrava, e não particularmente inclinada a discutir os tópicos da escravidão, da guerra e do inferno geral do mundo, Celaena ficou mais do que feliz em permanecer nas ruas largas e limpas onde poderiam fingir serem duas jovens mulheres a caminho de gastar quantias obscenas de dinheiro.

Nehemia já havia percorrido grande parte da cidade, e não gostava de quase tudo o que tinha visto, mas ainda assim fez com que Celaena se desviasse do Teatro Real, entrando em várias padarias e confeitarias favoritas e em algumas livrarias. Sem surpresa, quando chegaram ao Kavill's, a melhor boutique de Forte da Fenda, Celaena gastara uma boa parte de seu salário mensal como Campeã do Rei.

Esse era outro tópico que elas concordaram em ignorar durante o dia.

As duas jovens fizeram uma pausa do lado de fora da frente da loja, e Celaena correu os olhos pela madeira dourada que rodeava a vitrine de vidro. Dois vestidos foram exibidos — um vestido de baile azul um tanto tradicional, com bordas douradas e toques de turquesa; o outro, um trabalho ousado de veludo vermelho, mangas compridas e detalhes em renda de meia-noite.

— Kavill's. —, Nehemia leu na placa ornamentada da loja balançando na brisa do rio Avery. A princesa franziu o cenho para Celaena. — É muito... chique. — Disse ela em Eyllwe.

De fato, além do vidro e da tela, Celaena podia ver um grupo de mulheres bem vestidas oferecendo conselhos a uma companheira exibindo uma possível compra.

Celaena escondeu sua própria carranca. Elas deveriam ter um compromisso particular. Não apenas pela segurança da princesa, cujos guardas pessoais as seguiam, mas também por colocar Nehemia — que odiava fazer compras e brincar de vestir-se e qualquer coisa “inútil” — em algum grau de facilidade.

— Estamos alguns minutos adiantadas, eu acho — disse Celaena. Nehemia ainda estava franzindo a testa na frente da loja. — Podemos entrar em uma loja de chá se você quiser, e-

— Não, não. Minhas mãos estão congeladas — Nehemia disse, seus dedos enluvados se curvando em punhos. — Vamos entrar e esperar.

Fazia um mês desde que Celaena fora nomeada campeã do rei — um mês durante o qual ela enfrentara todas as dificuldades que a posição apresentava —, mas de alguma forma o pensamento de entrar no Kavill's com uma Nehemia já mal-humorada fez os nervos de Celaena se desgastarem. Ela já tinha pena de Lee Kavill... e dos outros clientes lá dentro.

— Apenas lembre-se — disse Celaena em Eyllwe, enquanto Nehemia caminhava até a porta pintada de verde —, sou Lillian Gordaina e sou apenas uma-

— Herdeira em Forte da Fenda, eu sei. — Nehemia terminou sem olhar para ela e entrou.

Celaena seguiu a princesa, acenando para os dois guardas pessoais de Nehemia quando eles se posicionaram: um na frente da loja, o outro dando a volta no quarteirão para ocupar um lugar na porta dos fundos. Quando o compromisso começou, ninguém entrou ou saiu.

O cheiro de lavanda e menta no interior da loja era totalmente familiar e estranho.

Familiar, pois nos anos em que Celaena havia morado em Forte da Fenda, esse era seu vestuário preferido. Estranho, durante o ano em que Celaena passou em Endovier e os meses em que esteve no castelo de vidro transformaram tudo, desde aquela vida passada, em algo estranho e desconhecido.

Lee Kavill, a quem Celaena já havia visitado duas vezes desde que se tornara campeã do rei, estava de pé junto às mulheres diante das cortinas do camarim, seu caderno de couro liso nos braços e uma caneta de vidro na mão.

Na casa dos quarenta, Kavill era um homem de aparência decente, suas roupas simples e elegantes, apesar de alguns modelos extravagantes em sua loja. Ele também estava quieto. Não tímido, mas calmo. Equilibrado. Ele não se preocupava, não pressionava, e tinha olhos de artista para cores, cortes e tendências em mudança.

Mas aqueles mesmos olhos se arregalaram ao vê-las, disparando entre as mulheres reunidas e seu compromisso de uma hora.

Nehemia parou do lado de fora da loja, mas Celaena deu alguns passos adiante na loja de tapetes vermelhos. Kavill já estava diante delas quando Celaena sorriu e estendeu as mãos.

— Chegamos um pouco mais cedo —, disse ela em cumprimento — mas estamos mais do que felizes em esperar. — Ela inclinou a cabeça para um divã circular verde e dourado na frente da sala, um lugar geralmente reservado para damas de companhia, maridos pacientes e crianças entediadas.

Kavill pegou as mãos dela com um sorriso. Seus dedos eram tão calejados quanto os dela, embora seus calos e cicatrizes fossem de anos com agulhas e alfinetes, não lâminas.

— Marta disse que meu único compromisso era uma convidada importante, mas eu não tinha ideia de que receberia essa honra. — Ao terminar, ele olhou para Nehemia e fez uma reverência. — Você é muito bem-vinda.

Claro que ele reconheceria a princesa. Embora fosse bastante fácil para Celaena se misturar, não havia como esconder quem era Nehemia. Não por causa de sua pele escura e cremosa, mas porque Nehemia se comportava como uma princesa.

Não importava para onde fossem ou como se vestissem, Nehemia sempre tinha aquele ângulo da cabeça e um brilho em seus olhos, como se tivesse saído do útero sabendo que sangue real corria em suas veias. Como se ela sempre usasse uma coroa invisível. Celaena ainda não tinha certeza se sentia inveja ou pena da princesa por isso.

Nehemia deu um aceno de cabeça raso — tanto respeito quanto Kavill merecia, se não mais, dado que ele tinha vindo de gado camponês e subido.

— Posso oferecer a você meu escritório para esperar, se você preferir — disse Kavill em voz baixa, especialmente quando algumas mulheres nas cortinas do camarim se viraram para examinar as recém-chegadas. — Não devemos demorar mais do que alguns minutos.

Foi seu passo para o lado que finalmente o denunciou — denunciou o que ele estava tentando proteger delas. E Celaena poderia ter tocado junto se Nehemia também não tivesse notado.

A garota poderia ter vindo de Charco Lavrado ou Eyllwe com a pele bronzeada, mas foram os braceletes gêmeos de ouro — algemas — ao redor dos pulsos que a marcaram como escrava.

Algemas de ouro, sem correntes, que foram soldadas — e nunca saíam.

— Podemos ir para outro lugar — disse Celaena suavemente.

Nehemia apenas olhou para a escrava, com o rosto em branco. A garota estava bem vestida e parecia estar bem alimentada, mas as algemas, tão terrivelmente bonitas, brilhavam na luz quente...

As mulheres as encaram agora, mas a escrava mantinha os olhos baixos. Nem sequer se virou para elas. Celaena girou os próprios pulsos,

uma pontada de dor fantasma atravessando as cicatrizes que marcavam onde suas próprias algemas — de ferro arranhado — já estiveram.

Celaena colocou a mão no cotovelo de Nehemia.

— Nós podemos-

— Não, - Nehemia disse, olhando para longe da garota e dando a Kavill um sorriso suave. — Vamos esperar. Por favor, volte ao seu trabalho. — Ela sentou-se no divã. Celaena sentou-se lentamente ao lado dela e Nehemia lançou-lhe um sorriso mais brilhante.

Hoje, elas haviam concordado que, ao sair, seria apenas para se divertir — para deixar Celaena vestir Nehemia. Hoje, elas seriam apenas duas garotas comuns, perfeitamente felizes, fazendo compras.

Celaena deu seu melhor sorriso em troca.

Então Kavill voltou para seus clientes, e Marta, de fala mansa, veio pegar suas capas e luvas e as substituiu por chá de jasmim, biscoitos delicados e uma seleção dos jornais do dia.

— Esse serviço —, disse Nehemia, quando Marta se afastou para ajudar Kavill a fazer suas medições e atender às necessidades de suas clientes. A princesa olhou as paredes douradas, as prateleiras de vestidos de amostra, as exposições de jóias, sapatos, chapéus e guarda-sóis. — Tanta riqueza também.

Celaena, que estava assistindo uma das mulheres debater se um quarto de polegada tornaria seu decote muito ousado, olhou para a princesa.

— Se isso faz você se sentir melhor, ele recusou a posição de alfaiate real várias vezes.

Nehemia levantou uma sobrancelha bem cuidada, as jóias de ouro que ela usava brilhavam à luz das arandelas de vidro em forma de lírio.

— Eu não pretendo ser... difícil, — disse ela em língua comum, qualquer vestígio de seu falso sotaque grosso desapareceu.

Celaena havia aprendido que o sotaque era apenas para enganar a corte real — fazê-los pensar que ela era idiota e fazê-los falar mais livremente quando achavam que ela não podia entender. Mas Nehemia falou melhor do que o mais refinado deles. E ela estava usando o

conhecimento que havia adquirido para descobrir qualquer manobra que pudesse ajudar na situação difícil de seu povo escravizado.

Foi por isso que elas foram às compras em primeiro lugar: encontrar vestidos que a rainha Georgina aprovaria — vestidos para permitir que Nehemia se aconchegasse à rainha e seu círculo interno, para ver se ela poderia ajudar Eyllwe vencendo o Rei de Adarlan pela esposa.

— Vamos nos divertir — disse Celaena, tomando um longo gole de chá de jasmim, quase gemendo com a perfeição absoluta, depois ajustando as dobras de seu vestido verde-floresta. Uma peça feita naquela mesma loja — um fato que ela tinha certeza de que Kavill já havia notado.

As cinco outras clientes lançaram apenas alguns olhos curiosos antes de finalmente saírem da loja com uma enxurrada de capas de pele, luvas de pelica e gemidos pelo inverno sem fim. A escrava nunca olhava para cima, e Celaena podia jurar que a mão de Nehemia se contorcia quando ela passava — como se a princesa tivesse pensado em alcançá-la e depois pensasse melhor.

Quando enfim se foram, Marta fechou as cortinas da janela da frente, acendeu mais algumas arandelas e as acompanhou até os sofás de seda diante das cortinas do camarim. O próprio Kavill comprou para elas outro pote ornamentado de chá de jasmim e depois encheu as duas xícaras.

Depois que Celaena explicou que Nehemia precisaria de ao menos quatro vestidos — dois deles de baile e todos aptos para a realeza adarlaniana, Kavill cruzou os braços atrás das costas e andou de um lado para o outro enquanto perguntava pelas cores e tecidos que Nehemia preferia ou odiava, sobre seus sentimentos em relação aos decotes baixos ou altos, quanta mobilidade ela desejava, até que Celaena começou a se perguntar se Nehemia se romperia.

Mas a princesa apenas sorriu para o homem esbelto, respondendo com o sotaque grosso e hesitante que ela usava para todos, menos Celaena. E então ela pacientemente se sentou a apresentação de cores, tecidos, miçangas e costuras de Kavill e Marta. Não foi até Kavill e Marta

entrarem nos fundos — para obter uma amostra do vestido de baile azul na janela — que a princesa cedeu um pouco.

— Acho que prefiro que a costureira real traga alguma coisa — disse ela calmamente. — Isso é realmente o que você gosta de fazer?

Celaena estremeceu, mas sorriu.

— Quando o clima me impressiona, sim. — E agora que ela tinha o ouro do rei queimando um buraco na bolsa, estava mais do que feliz em gastar a maior parte. — Sempre gostei de coisas bonitas, como vestidos, jóias, sapatos... acho que é fácil considerá-lo frívolo, mas um vestido como Kavill faz é arte. É arte, matemática e economia.

As sobrancelhas de Nehemia se ergueram e Celaena deu de ombros, mas virou-se para apontar o vestido de veludo vermelho na vitrine.

— Esse vestido na vitrine. Pense em como Kavill primeiro criou o design, depois fez as medições adequadas à imagem em sua cabeça e encontrou o fornecedor certo para prover o perfeito veludo vermelho e a renda preta. Pense na origem do veludo e da renda: o veludo do porto de Meah, a renda de Melisande, o fio que mantém a coisa unida por uma fiação em Charco Lavrado. Pense também de onde vieram os corantes do vermelho e do preto; pense em todas as pessoas e lugares que tinham uma mão naquele vestido se unindo. É como um mapa do continente, e cada parte dele conta uma história e... — Celaena parou e bufou. — Bem, mapa da história à parte, também é bonito como o inferno.

Nehemia riu baixinho.

— Acho que estou começando a entender. Embora eu também ache que você também gosta de parecer melhor que as outras, minha amiga.

Celaena riu.

— Eu gostaria de poder negar.

Nehemia sorriu.

— Não se preocupe. É por isso que eu gosto de você.

O coração de Celaena se apertou com isso, seu sorriso crescendo ainda mais.

Kavill e Marta voltaram um momento depois, e Marta conduziu a princesa ao provador para experimentar o vestido de baile azul. Tirar

Nehemia de suas roupas e vestir o vestido de amostra levaria alguns minutos, então Celaena examinou a seleção de vestidos exibidos na loja.

Um vestido de lavanda enfeitado com renda branca atraiu sua atenção — e ela parou para passar a mão sobre a seda.

— Uma cor tão linda — ela murmurou, mais para si mesma que para Kavill, mas ele se aproximou dela.

— Isso traria a cor da sua pele, — observou ele, pegando a manga de três quartos. — Eu poderia fazer isso de corpo inteiro, se você quisesse.

Ela viu o olhar dele nas mãos — especificamente, as cicatrizes ao redor dos pulsos e antebraços das algemas de Endovier.

No castelo, ela não precisava mais fingir ser cortês e certamente não tinha vergonha de nenhuma de suas cicatrizes, mas... elas atraíam atenção. E perguntas. Mangas e costas altas geralmente cobriam a maior parte dos danos de Endovier e dez anos de treinamento como assassina — mesmo que apenas para evitar essas perguntas. Ou olhar de pena.

— Vou pensar sobre isso, - disse ela, e mudou-se para o vestido de veludo vermelho na vitrine.

Ela conhecia Kavill bem o suficiente para entender que ele não perguntaria sobre as cicatrizes, não importava o que suspeitasse. Ela sempre se perguntou se ele sabia quem e o que ela realmente era — se perguntava sobre seu relacionamento com um homem ruivo que uma vez a acompanhara até aqui, ansioso para adorar o seu aluno mais talentoso

Mas Arobynn não fazia mais parte de sua vida, e a primeira vez que ela veio aqui desde que foi nomeada campeã do rei, Kavill não perguntou por ele. Também não perguntou onde ela esteve. Foi por isso que ela decidiu trazer Nehemia até ele, vestidos de lado. Kavill não fofocou — e nem bisbilhotou.

Mas ele havia tentado impedi-las de ver a escrava por causa de Nehemia, ou dela? Ela não queria saber.

Nehemia saiu do provador, já estremecendo, mas Celaena sorriu. Até Kavill deixou escapar um suspiro de aprovação.

— Bem, eu serei amaldiçoada — disse Celaena, colocando a mão no quadril enquanto fazia sinal para Nehemia se virar. — Se você não comprar isso, nunca vou perdoá-la.

— É... diferente — disse Nehemia na língua comum, encarando Celaena novamente. — Talvez algo mais sutil.

— Bobagem — Celaena interrompeu, passando por Marta para ajustar o vestido. — Você usará isso no próximo baile real e fará todos os homens ofegarem atrás de você. — Ela lançou um olhar significativo na direção do amplo peito de Nehemia. — E não se atreva a cobri-los com um xale.

Nehemia riu, mudando para Eyllwe.

— Eu nunca ousaria desobedecer uma ordem direta de você

Celaena sorriu e respondeu na língua comum.

— Boa. Então vamos conseguir um desses. — Virou-se para Kavill e Marta, que estavam de pé e em silêncio a alguns metros de distância, rabiscando notas de medição no livro de Kavill. — Alguma ideia de quais jóias podem acentuar melhor isso?

Kavill abriu a boca, mas Nehemia cortou usando Eyllwe:

— Eu tenho jóias de Eyllwe.

— Não acho que combinaria.

Nehemia se endireitou um pouco e ainda disse em Eyllwe:

— Gostaria que uma parte de mim ainda lembrasse as pessoas de onde venho.

Seus olhos se encontraram e, por um piscar de olhos, Celaena pensou na noite em que Nehemia havia entrado em seu quarto depois de saber do massacre de quinhentos rebeldes Eyllwe. Como a princesa havia chorado por seu povo, por seu desamparo, por seu mundo escravizado.

Era nesse mundo que Nehemia lutava — porquê Nehemia comprava esses vestidos e fazia o papel de confidente da rainha.

Talvez Nehemia tenha pensado a mesma coisa, pois a princesa deixou escapar um longo suspiro e disse:

— Talvez você esteja certa, Elentiya.

Celaena não achava que Kavill ou Marta notariam o nome que a princesa havia lhe dado — mas ela olhou para eles mesmo assim. Eles

agora estavam apenas observando, rostos sem graça, mas agradáveis. Dispostos a obter as jóias e acessórios a qualquer momento. Nehemia virou-se para eles e disse com seu sotaque perfeitamente falso:

— Mostre-me suas jóias.

E assim, eles fizeram outra apresentação de colares, brincos e pulseiras, depois luvas, broches e enfeites de cabelo. E quando elas decidiram o que parecia melhor, Nehemia foi medida e presa mais um pouco, e depois introduziu o próximo vestido. E o próximo, e o próximo.

O relógio marcava quatro horas quando elas decidiram sobre os vestidos, jóias e acessórios que Nehemia compraria. Marta já havia trazido xícaras de chá fumegantes para os guardas de Nehemia do lado de fora. Ela voltou parecendo um pouco pálida e abalada, mas pelo menos as xícaras estavam vazias. Os guardas de Nehemia não eram do tipo falador — e não eram nada menos do que letais

Nehemia estava enfiando biscoitos na garganta enquanto Celaena passeava novamente pela loja, recolhendo os vestidos. Ela já havia pedido o vestido lilás e de renda e, como Kavill fez suas medições mais recentes, não se deu ao trabalho de experimentá-lo, exceto por segurá-lo contra o tronco para se certificar de que realmente amava a cor e o tecido.

Ela parou na frente do vestido de veludo vermelho, passando um dedo pelas saias. Não havia saias com esse tipo de vestido, nem espartilhos — ela nunca tinha visto um vestido como esse, na verdade. Nunca ouviu falar de um vestido como esse, com as costas abertas revestidas em renda preta da meia-noite, o decote profundo e o corpete apertado. Deixa pouco para a imaginação — e certamente viraria a cabeça.

— Você deveria experimentar — disse Nehemia em Eyllwe por trás dela, terminando seu biscoito de praliné. — Você esteve olhando o dia todo.

Celaena olhou por cima do ombro, as sobrancelhas erguidas.

— É... um pouco ousado. As pessoas ficariam escandalizadas.

A princesa sorriu.

— Quem melhor para usá-lo, então?

Celaena se viu sorrindo também.

— Quem, de fato?

Assim, cinco minutos depois, Celaena se viu vestindo o vestido de amostra diante dos três espelhos angulares da loja, girando lentamente no lugar.

Ousado e escandaloso eram apenas o começo.

Nehemia soltou um assobio apreciativo de onde estava esparramada no divã.

— O capitão não saberá o que fazer consigo mesmo.

Celaena lançou-lhe um olhar por cima do ombro.

— Ele não é da minha conta. — Embora ela quase pudesse visualizar o rosto de Chaol ao ver o vestido: de lábios cerrados, olhos arregalados, um pouco confuso e um pouco mais que zangado. Ela quase podia ouvi-lo também, as reivindicações que ele faria sobre a campeã do rei gastar quantias tão exorbitantes em pouco mais que pedaços de pano, a reputação que ela tinha que manter agora que era empregada do rei... Ah, ela deveria comprar o vestido, apenas para irritar Chaol.

Nehemia se aproximou e Celaena saiu da pequena plataforma.

— Que tipo de história esse vestido conta? — a princesa perguntou em Eyllwe.

Celaena estava prestes a abrir a boca, mas captou a direção do olhar de Nehemia: as costas abertas. A renda preta fazia um bom trabalho em esconder a horribilidade de suas cicatrizes, mas, tão perto, era fácil ver a carne mutilada embaixo.

Os olhos delas se encontraram e Celaena mudou para Eyllwe quando disse:

— Você acha que eu devo encobri-las?

A atenção de Nehemia foi novamente para as cicatrizes sob a renda preta. Depois de um tempo, ela disse:

— Não. — Celaena voltou-se para o espelho, mas Nehemia falou de novo, com a voz um pouco calma demais — Com que frequência você pensa sobre eles, sobre Endovier?

Celaena encontrou seu próprio reflexo no espelho, o rosto que, como a loja de Kavill, era familiar e estranho.

— Todo dia. Toda hora.

Era uma verdade que ela não havia admitido para ninguém — talvez até para si mesma até agora.

— Você os libertaria se pudesse?

Celaena virou a cabeça para a princesa.

— Que tipo de pergunta é essa? Claro que sim.

Elas juraram — ambas juraram pela manhã que teriam esse tipo de conversa. E Celaena sabia exatamente onde essa conversa iria: com Nehemia, falando sobre escravidão, império, a necessidade de boas pessoas para se levantar e lutar.

Kavill e Marta estavam fazendo o melhor para parecerem ocupados no balcão nos fundos da sala da frente. Os olhos de Kavill ergueram-se do livro e, quando o olhar dela encontrou o dele, ela percebeu que ele sabia. Ele sabia exatamente quem ela era, e talvez sempre o soubesse. Ela não sabia porquê, mas isso a deixou... triste. Surpreendente, absurdamente triste.

Ela olhou de volta para a princesa, que deu um sorriso forçado.

— Eu não deveria ter mencionado, - disse Nehemia. — Hoje é divertido, apenas duas jovens mulheres.

E por alguma razão, ver aquele sorriso forçado apenas fez o peso em seu peito afundar um pouco mais fundo.

Nehemia foi até a porta da frente contar aos guardas que estava pronta — e encontrar uma carruagem para alugar. O sol havia caído, junto com a temperatura, e nem Celaena nem Nehemia se sentiam inclinadas a voltar para casa a pé na noite gelada.

Celaena estava parada no balcão de madeira polida, preenchendo as instruções sobre como e onde entregaras roupas novas de Nehemia e pagando por suas próprias compras. Ela decidiu pegar o vestido de veludo vermelho, por mais ousado e escandaloso que fosse. Pelo menos porquê não comprá-lo parecia uma espécie de derrota, uma perda insubstituível que a cortava toda vez que ela pensava nisso.

Ela pegou o último pedaço de ouro da bolsa e o colocou no balcão, atrás do qual Kavill estava, contando.

— O vestido de veludo vermelho deve ficar pronto em duas semanas, - disse ele, pegando a última peça de ouro. — Você tem alguma ocasião especial em mente?

Ela deu de ombros, olhando para Nehemia, que permanecia na porta, já parecendo infeliz com o frio que se aproximava. A própria Celaena não estava muito interessada em deixar o calor da loja. Ela deveria ter trazido luvas — e uma capa mais quente.

— Tenho certeza de que vou encontrar alguma utilidade para o vestido antes do verão.

Kavill assentiu e fechou o livro grosso.

— Deixe-me saber se isso faz alguém desmaiar. Ou começar um motim.

Ela riu baixinho e se virou, enfiando as mãos nos bolsos e rezando para que seus dedos não caíssem no caminho de casa.

— Aqui —, disse Kavill, e ela se virou para encontrar um par de requintadas luvas de camurça cinza nas mãos dele. — Cortesia. Por vários anos de patrocínio leal. — Seu rosto tinha a habitual máscara de calma educada e cortês, mas seus olhos castanhos estavam brilhantes. — E um presente, por um ano passado sem luvas.

Se ela ainda tivesse alguma dúvida antes, não havia mais nada disso agora. Ele sabia quem e o que ela era, sabia onde havia passado um ano escravizada — sabia que tipo de dinheiro ela usava para comprar seus vestidos.

Ela não tinha palavras — nenhuma que fizesse justiça à gentileza do seu gesto —, então apenas assentiu, pegou as luvas e saiu.

A carruagem não era muito mais quente que o exterior. Celaena e Nehemia se amontoaram, xingando violenta e bastante criativa no inverno sem fim.

A mais recente mistura vulgar de Nehemia deixou Celaena em um acesso de risadas uivantes, tão alto que um dos guardas que estavam no topo da carruagem bateu duas vezes para perguntar se estava tudo certo. Nehemia bateu três vezes para garantir que estava tudo bem, mas Celaena continuou rindo até seu estômago doer.

Quando o silêncio caiu novamente, ela olhou para a amiga e enxugou as lágrimas de riso dos olhos.

– Pagaria um bom dinheiro para ver você dizer isso à rainha Georgina.

Nehemia riu, mas não alcançou seus olhos.

– Elentiya, obrigada por me ajudar hoje. Eu... eu precisava dos vestidos. E sair do castelo um pouco.

Celaena ficou séria e assentiu. Elas passaram pelo distrito mais rico, um borrão de casas de alabastro e telhados de esmeralda, agora congelados e brilhando à luz das lâmpadas.

– Obrigada por fingir. Por um dia, pelo menos.

Ela sentiu os olhos de Nehemia nela, mas continuou olhando para as ruas molhadas, escorregadias de um dia de neve derretendo agora se transformando em gelo. Depois de um tempo, Celaena perguntou:

– Você já se perguntou como seria se realmente fossemos pessoas comuns?

A princesa mordeu o lábio.

– Às vezes.

– Você já desejou que fosse? Comum, quero dizer.

Nehemia ficou quieta por um longo momento, com os olhos distantes, como se visse uma terra longínqua, quente e vibrante, suas pastagens ondulando sob o sol quente de verão.

– É o meu desejo mais egoísta e devaneio, ser normal, comum, estar livre dos meus encargos.

Ela não tinha percebido que estava prendendo a respiração, não tinha percebido o quão importante a resposta de Nehemia era para ela até que ela ouviu. Celaena suspirou.

– E, no entanto, você e eu não podíamos nem fingir que um único dia estivéssemos livres desses encargos.

– Sinto muito, - Nehemia disse calmamente.

– Pelo que você quer se desculpar? Era uma exigência tola fazer de você, de qualquer forma.

— Eu gostaria que você pudesse ter um amigo normal, não uma princesa ou um capitão ou o filho do rei. Mas apenas um amigo normal, vivendo uma vida boa e calma.

— Eu não tenho interesse em amigos normais. Mesmo se eu fosse apenas uma garota comum, não gostaria de estar cercada por pessoas comuns. Não, eu prefiro as princesas rebeldes e os filhos dos reis e os capitães rabugentos, as prostitutas e os ladrões a qualquer dia. Eu prefiro isso a mais de mil garotas comuns.

O sorriso de Nehemia tremeu — apenas o suficiente para que Celaena tivesse que se virar para a janela antes que de sentir a picada em seus próprios olhos.

A carruagem virou uma avenida e o castelo de vidro surgiu diante delas, esverdeado e cintilante no céu noturno.

— Estou feliz que não somos comuns, Elentiya. — Nehemia estava sorrindo na escuridão da carruagem. — Seria tão chato se fôssemos.

Celaena sorriu.

— Incrivelmente entediante.

— E, pelo que vale a pena, eu escolheria mais de mil amigos comuns e extraordinários. Acho que mesmo que nos encontrássemos na rua, mesmo que eu apenas a visse de passagem, saberia o que você é.

Celaena inclinou a cabeça para o lado.

— Uma assassina?

Os olhos escuros de Nehemia estavam brilhantes quando ela balançou a cabeça.

— A irmã do meu coração.

Celaena teve que se virar. Quando ela finalmente olhou novamente para Nehemia, não sabia quem procurava quem, mas um momento depois sua mão estava firmemente agarrada à dela.

— Acho que eu também saberia —, disse Celaena em voz baixa, e se apoiou no ombro da amiga. Ambas sorrindo fracamente, a assassina e a princesa cavalgaram pela cidade tranquila e entraram no castelo de vidro mais adiante.

Extra de Herdeira do Fogo

Rainha Vadia e Cuspidora de Fogo

— Qual sua comida preferida? — Descansando em uma pedra como um lagarto ao sol, Celaena jogou uma noz no ar e pegou com sua boca.

— O que quer que me mantenha vivo no momento. — Rowan disse ao seu lado, os antebraços apoiados em seus joelhos enquanto ele monitorava as defesas e vales de Wendlyn ondulando abaixo.

Ela estalou a língua.

— Você poderia parecer menos um animal?

Ele deslizou um olhar em sua direção, levantando uma sobrancelha como se dissesse: *Você se lembra de qual é a minha outra forma, não é?*

Quando ela apenas franziu a testa, ele suspirou.

— Há um vendedor ambulante em Doranelle que vende carne no espeto.

— Carne no espeto — disse Celaena, tão firmemente quanto podia, lutando para manter os lábios em linha reta.

— E eu suponho que sua alimentação seja alguma mistura de doces inúteis.

— Doces não são inúteis. E sim. Eu rastejaria sobre brasas por um pedaço de bolo de chocolate com avelã agora mesmo. — Mentira. A última vez que ela havia comido o bolo, fora com Chaol. Ela não tinha certeza se poderia comer de novo.

— Que utilidade isso teria para manter seu corpo forte? Com sua magia, você a queimaria e ficaria com fome de novo dentro de uma hora.

Ela se apoiou nos cotovelos.

— Suas prioridades estão obscenamente fora de ordem. Nem todos os alimentos são para sobrevivência ou para adquirir forças. Você nem provou um dos chocolates daquela cidade.

O pensamento de Rowan fazendo isso a fez apertar os lábios novamente. Ela sabia que ele iria fazê-la começar a treinar no momento em que ela começasse a uivar, então rapidamente perguntou:

– Cor favorita?

– Verde.

– Estou surpresa que você realmente saiba.

Ele estreitou os olhos, mas disse:

– Qual é a sua?

– Por um tempo, me fiz acreditar que era azul. Mas sempre foi vermelho. Você provavelmente sabe o porquê.

Ele fez um som afirmativo.

Celaena deitou-se e levantou a mão acima dela, passando uma linha de fogo entre os dedos. Ela trançou entre os nós dos dedos, em seguida, serpenteou-a na palma da mão, até que ela enrolou em torno de seu pulso, entrelaçando e deslizando ao longo da sua pele.

– Bom – disse Rowan. – Seu controle está melhorando.

– Mmhmm. – Ela levantou a outra mão, e anéis de chama rodearam seus dedos. Ela começou a trabalhar em esculpir as chamas, forjando-as em padrões individuais.

– Tente em mim – Rowan disse, ela virou a cabeça para ele e franziu a testa profundamente. – Tente.

Ele não recuou quando ela criou uma coroa de chamas para ele. Bem em cima de sua cabeça.

Ela se sentou, ajoelhando-se diante dele, suas próprias jóias ainda queimando em suas mãos e pulsos, e concentrou-se enquanto transformava a coroa em uma guirlanda, cada folha individual um lampejo de chamas, o dourado e vermelho e azul como qualquer pedra preciosa.

O cabelo de Rowan brilhava abaixo dela.

– Gesto ousado – ele disse enquanto ela continuava adicionando detalhes à sua coroa. – Um que não tem muito espaço para erro.

– Estou surpresa que você não esteja envolvendo sua cabeça com gelo.

– Eu confio em você – ele disse baixinho o suficiente para que ela olhasse para o rosto dele. Com a coroa de chamas, ele parecia realmente nobre, um rei guerreiro, tão brutal quanto as linhas de sua tatuagem. – E agora uma para você – disse ele, e um arrepio delicioso desceu por

sua espinha quando uma coroa de gelo se formou no espaço entre eles, seus delicados espigões subindo alto.

Rowan levantou-a entre as mãos e colocou-a na cabeça dela, a luz do peso, o frio um bálsamo contra o calor do fogo. Celaena sorriu para ele e ele lhe deu um pequeno levantar de seus lábios em resposta. Mas então ela se lembrou — lembrou que foi uma coroa que ele fez para ela. Uma coroa.

Suas chamas vociferaram quando ela se levantou e caminhou até a beira da pedra, envolvendo os braços em volta de si mesma. Um momento depois, a coroa de gelo se dissolveu em névoa no vento da montanha.

— Nós vamos ter visita hoje à noite — disse Rowan, aproximando-se dela.

— Eu deveria me preocupar?

— Eu... eu preciso de ajuda.

— Ah. Então é por isso que você me deixou ter uma tarde de paz.

Ele rosnou, mas ela levantou uma sobrancelha.

— Finalmente vou conhecer seus amigos misteriosos?

— Não. Eles são feéricos nobres, passando pela área. Eles pediram um lugar para ficar durante a noite e chegarão mais ou menos ao pôr do sol. Emrys está fazendo o jantar, e eu devo... entretê-los.

Quando ele apenas olhou para ela, ela disse:

— Oh, não. Não.

— Eles não vão concordar em jantar com os semifeéricos...

— Sou menos aceitável que um semifeérico!

— Se eu tiver que ser o anfitrião deles a noite toda, provavelmente terminará em um banho de sangue.

Ela piscou.

— Não são dos seus favoritos?

— Eles são nobreza típica. Guerreiros não treinados. Eles esperam ser tratados de certa maneira.

— E? Você está no pequeno grupo de Maeve. E você é um príncipe, para começar. Você não é superior a eles?

— Tecnicamente, mas há políticas a serem consideradas. Especialmente quando eles vão reportá-las a Maeve.

Ela gemeu.

— Então, o que? Eu vou ter que bancar a anfitriã?

Seu rosto era tão infeliz quanto o dela.

— Não. Apenas... me ajude a lidar com eles.

Um pouco de confiança, ela percebeu.

— E o que eu vou ganhar com isso?

Ele flexionou sua mandíbula, e ela honestamente pensou que ele diria *“Eu não vou te dar uma surra”*, mas ele suspirou.

— Eu vou encontrar um bolo de chocolate com avelã para você.

— Não. — Quando ele levantou as sobrancelhas, ela lançou um sorriso perverso para ele. — Você só vai ficar me devendo. Um favor que eu posso pedir quando eu quiser.

Ele suspirou, erguendo o olhar para o céu.

— Basta estar pronta ao pôr do sol.

Os sinos tilintantes e as vozes alegres alcançaram a fortaleza muito antes de o grupo aparecer através das pedras da ala.

De pé no pequeno pátio, Celaena olhou para Rowan.

— Sério? Você precisa de minha ajuda com esses idiotas de nariz empinado? — Mas, além dos que estavam de serviço, os semifeéricos ficaram escassos.

Ele olhou para ela. Ela se banhara e vestiu sua túnica mais limpa, até mesmo trançou seus cabelos em uma coroa delicada.

— Mantenha a voz baixa — ele murmurou, dando um olhar aguçado para seus ouvidos.

Ela revirou os olhos, mas não disse mais nada quando o grupo chegou. Os cavalos deles, maldição, eram todos Asterion. Cada um vale seu peso em ouro e um pouco mais. Uma vez ela já possuía um, bem, ela roubou um e o manteve, mas o vendeu para pagar a dívida de Sam para Arobynn. Tinha valido a pena, mas... ela ainda sentia falta de Kasida. Ela nunca vira ou montara um cavalo melhor.

Haviam cinco no grupo que agora estava no pátio e na fortaleza, dois deles guardas entediados, cuja atenção se fixava apenas em Rowan, e os outros três... A fêmea na frente era impressionante, e sem dúvida, a líder.

Debaixo de seu cabelo louro claro seu rosto era uma mistura de marfim e rosa suave, seus olhos de um azul cerúleo vibrante. Ela não poupou a atenção de Celaena quando ela graciosamente desceu de sua égua branca.

— Rowan! — Ela avançou, estendendo as mãos. Seus dedos eram longos, finos, tão perfeitos quanto todo o resto.

— Lady Remelle — Rowan disse, suas mãos enormes cobrindo as dela quando ele as pegou. Sua coluna era reta como uma vara e, embora Remelle olhasse para as mãos unidas como se esperasse que ele desse um beijo, deuses, a ideia de Rowan beijando a mão de alguém, ele soltou seus dedos sem a menor cerimônia e se virou para os dois outros nobres desmontando.

— Lorde Benson — disse ele ao homem alto e magro, que apenas acenou para ele. Benson, Celaena notou, se preocupou em olhar para ela, seu longo nariz e olhos escuros varrendo seu corpo, depois seguindo em frente. Audacioso.

— Lady Essar — Rowan disse para a pequena fêmea feérica de cabelos escuros. Remelle poderia até ter uma beleza impressionante, mas Essar tinha um conjunto de curvas que até Celaena se viu invejando. Sua pele marrom-clara parecia brilhar como se fosse iluminada por uma luz interior, e seus olhos castanhos brilharam com genuína gentileza enquanto estendia as mãos para Rowan e sorria.

Ele pegou os dedos de Essar um pouco mais calorosamente que os de Remelle, e os olhos da senhora de cabelos louros se estreitaram ligeiramente. Mas Remelle se recuperou rapidamente, sorriu e colocou uma mão atrevida no ombro de Rowan quando disse:

— Já faz séculos, não é? Você nunca vem a nossas festas, e Maeve mantém você só para ela. — O rosto de Rowan ficou vazio, frio. — Houve um tempo — Remelle fez beicinho — Em que eu conseguia manter você para mim. Às vezes sinto falta daqueles dias.

Rowan apenas sacudiu os olhos para os guardas vigilantes, que pareciam precisar de uma refeição decente e uma folga de seus companheiros.

— Os estábulos estão à esquerda.

Celaena estava muito ocupada olhando de Rowan para Remelle para ver se os guardas obedeceram a ordem do príncipe. Amantes.

Ela não sabia porquê achava que perder a parceira significava que ele tinha sido celibatário, mas... mas alguém como Remelle...

Lembrando que ela existia, Rowan estendeu um braço em sua direção. Celaena considerou honestamente caminhar de volta para a fortaleza e deixar Rowan à mercê deles, mas se encontrou caminhando até ele, cada vez mais perto, tão perto que ele poderia ter-se colocado ao seu lado.

Ele na verdade pareceu relaxar um pouco quando disse:

— Esta é... Elentiya. — Ela não tinha pensado em como ele a apresentaria, mas estava grata pelo anonimato que ofereceu. — Estou treinando ela a pedido da rainha. Elentiya, esta é Lady Remelle, Lorde Benson e Lady Essar. — Ele começou a falar sobre nomes de casas e outras tolices, e Celaena deu um aceno superficial que fez com que Benson e Remelle franzissem os lábios.

Apenas Essar disse olá, um ronronar abafado que fez Celaena se perguntar porquê Rowan não a levava para a cama ao invés dos sorrisos frios e brilhantes de Remelle.

— Você é mestiça, então — Benson disse, seus olhos passando por ela.

Rowan, para a sua surpresa, eriçou-se, mas segurou o grunhido que ela sabia que estava roncando nele.

Celaena sorriu com firmeza.

— Minha bisavó era feérica, mas se isso faz de mim semifeérica eu não sei.

Ela captou o olhar que Remelle deu a Rowan — uma mistura de exasperação, como se dissesse: *Sério Rowan? Você trouxe uma mestiça para nos conhecer? Que costumeiro da sua parte.*

Mas Rowan não pediu que ela aparecesse na forma feérica.

Não, ele deixou que ela aparecesse na forma que desejasse. O que a aqueceu o suficiente para que ela andasse um pouco mais perto dele, perto o suficiente para quase roçar o seu braço com o dele. Remelle não deixou de perceber isso também. Que tipo de visita era essa mesmo?

Foi Essar quem disse:

— Bem, estou ansiosa para ouvir sobre suas aventuras, Rowan, e como você veio para cá, Elentiya. Mas primeiro, eu gostaria muito de tomar um banho e comer algo. — Ela lançou um olhar de desculpas na direção de Celaena. — Eu morreria por qualquer coisa de chocolate agora.

Apesar de tudo, Celaena decidiu que gostava dela.

— Então, você e Remelle — disse Celaena de onde ela descansava na cama de Rowan, com a cabeça apoiada em uma mão.

Em sua mesa de trabalho, afiando suas armas com um pouco de interesse, Rowan rosnou.

Eles jogaram os nobres aos banhos, pediram a Emrys que trouxesse comida para os quartos que os nobres ocupariam enquanto estivessem ali (havia três semifeéricos que estavam mais do que felizes em desocupar seus grandes quartos se isso significasse sair do caminho de seus visitantes).

Eles tinham uma hora até o jantar, e embora Celaena tivesse arranjado um vestido... ela não estava com vontade.

— Remelle foi... um erro muito, muito grande — disse Rowan, de costas para ela.

— Parece que ela não pensa assim.

Ele olhou por cima do ombro.

— Foi há cem anos.

Deuses, ela às vezes esquecia quantos anos ele tinha.

— Ela age como se você a tivesse deixado este inverno.

— Remelle só quer o que não pode ter. Uma condição que muitos imortais sofrem para evitar o tédio.

— Ele se virou, a faca de caça em sua mão brilhando à luz do fogo. — Ela estava praticamente agarrando você.

— Ela pode agarrar o que quiser, mas eu não vou cometer esse erro novamente.

— Parece que você cometeu esse erro algumas vezes.

Rowan nivelou um olhar cruel para ela.

— Foi durante o curso de uma temporada e, em seguida, voltei aos meus sentidos.

— Mmhmm.

Ele apunhalou a faca na mesa e foi para a cama até que ele olhou para ela. Celaena estava deitada, sobrancelhas altas e lábios pressionados.

— Uma risada — ele avisou. — Apenas uma risada, e eu vou despejar você no lago mais próximo.

Ela oscilou com o esforço para conter a risada.

— Não se atreva — ele rosnou. Inclinando-se baixo, o suficiente para que a respiração dele aquecesse sua boca. — Se você...

A porta se abriu e Rowan congelou, um grunhido baixo ressoou nele, tão violento que ecoou em seus ossos. Mas a ameaça era apenas Remelle, que piscou e disse:

— Oh!

Demorou a Celaena um piscar de olhos para perceber o que parecia. Ela estava esparramada na cama, Rowan se apoiou sobre ela, perto demais para ser casual, mas...

— O que você quer? — Rowan disse, endireitando-se, mas sem se afastar.

Remelle examinou o quarto, analisando os detalhes que sugeriam que não era apenas o espaço de Rowan: a escova na cômoda, as roupas íntimas que Celaena tinha deixado jogadas sobre a cadeira (oh, como isso seria interpretado!), as fitas que ela usava para amarrar seu cabelo, as pequenas botas ao lado das de Rowan, e até os vários itens pessoais que eles mantinham em suas próprias mesas de cabeceira.

— Eu queria conversar — Remelle disse olhando tudo, menos Celaena — mas parece que você está... ocupado.

— Vamos conversar no jantar — disse Rowan.

Celaena se levantou da cama.

— Eu tenho que ajudar o Emrys com a refeição na verdade. — Ela mal conseguiu esconder o seu sorriso malicioso. — Por que você não fica, Remelle?

Rowan poderia ter derretido seus ossos com o olhar que deu a ela, mas Celaena já estava no outro lado da porta e no corredor, assobiando para si mesma.

Rowan iria matá-la. Assim que retomassem o treinamento, ele a mataria. E depois a mataria novamente.

Remelle ainda estava na porta, franzindo a testa na direção de Aelin. Quando ela se virou, um sorriso serpentino apareceu em seus lábios vermelhos.

— Isso é considerado parte do treinamento também?

— Saia. — Foi tudo o que ele disse.

Remelle estalou a língua.

— É assim que você fala comigo hoje em dia?

— Eu não sei porquê você se incomodou em vir aqui, ou o que você espera de mim...

— Eu fiquei sabendo que você estava aqui, e pensei em dizer olá e poupá-lo da tediosa companhia de mestiços, mas eu não sabia que você tinha se apegado tanto a eles.

Ele sabia exatamente o que parecia quando ela irrompeu ali. Negar isso só levaria a uma dor de cabeça, mas deixar Remelle assumir que ele estava dividindo a cama com Aelin era igualmente inaceitável. Ele não conseguiu decidir como Maeve iria interpretar isso. A menos...

— E quem foi que disse que eu estava aqui?

— Maeve, claro. Reclamei com ela que sentia sua falta.

A questão não era se Remelle era uma espiã desavisada ou não. Nem se Maeve havia enviado Remelle para ver que tipo de relacionamento Rowan desenvolvera com a princesa.

— Como sua amiga, Rowan, eu tenho que dizer... a garota é muito inferior a você.

Ele segurou sua risada. Aparentemente, Maeve não informou a ela quem, exatamente, ele estava treinando. Remelle tinha sido implacável

em sua perseguição a ele um século atrás, vencendo-o com seu charme e sorrisos, mas ele realmente não se incomodava em lembrar daquela época.

— Um — ele disse -, você não é minha amiga. Dois, não é da sua conta.

Seus olhos se estreitaram de uma forma que o fez perceber que Remelle faria de cada minuto um inferno para a princesa, não sabendo o tipo de predador que ela estava provocando.

Então, em vez de ver o sangue de Remelle respingado nas paredes antes do amanhecer, ele disse:

— Há poucos quartos aqui, então nós tivemos que compartilhá-lo, como resultado. — Não é bem mentira, mas não toda a verdade.

As sobrançelas de Remelle permaneceram erguidas na pele branca como a lua.

— Bem, eu suponho que é uma boa notícia para Benson.

— O que?

— Ele tem necessidades que precisam ser atendidas e a acha atraente o suficiente. Maeve disse que estava mais do que bem se ela...

— Se Benson colocar um dedo nela, ele vai se encontrar sem suas entranhas.

Maeve sugeriu que ela estava disponível para...

Ele reprimiu a raiva ofuscante quando Remelle piscou.

— Honestamente, Rowan, o que você acha que a maioria dos mestiços acaba fazendo em Doranelle?

Ele não tinha resposta, não tinha palavras, assim que ela disse isso.

Ela encolheu os ombros.

— Benson será gentil com...

— Se Benson olhar duas vezes para ela, ele morre. Se ele olhar para qualquer uma das mulheres dessa fortaleza, ele morre.

As palavras estavam atadas com um grunhido tão feroz que elas eram dificilmente compreensíveis. Mas Remelle entendeu.

Lorcan sabia? Ele era um semifeérico, provou-se meio milênio atrás. Ele estava ciente do que acontecia em sua cidade? Era repugnante, pior do que repugnante. Os feéricos eram melhores do que isso. Mas Maeve...

— Vou garantir que seu aviso seja transmitido. — Remelle ronronou.

Celaena foi de fato até a cozinha, onde ajudou Emrys a preparar a refeição. Luca estava lá, tagarelando, mas a conversa parou no meio da frase.

Essar estava ao pé da escada, sorrindo fracamente.

— O jantar não estará pronto por mais vinte minutos — disse Celaena, enxugando as mãos em um pano de prato antes de se aproximar da moça. Luca estava praticamente boquiaberto com a pequena beleza, mas Essar deu-lhe um sorriso educado e ele imediatamente viu-se interessado no que estivesse fazendo. — Eu posso te mostrar o refeitório, se você quiser esperar lá.

Deuses, ser educada era... estranho.

— Ah, não. Benson já está lá, e ele... acho que eu me divertiria mais aqui.

Ela também deixaria Emrys e Luca desconfortáveis, se o silêncio deles fosse alguma indicação, mas Celaena se viu dizendo:

— Pode ser caótico, barulhento e desordenado aqui...

— Eu sei como funciona uma cozinha — disse Essar. — Apenas me diga que trabalho precisa ser feito, e eu o farei.

Celaena olhou para Emrys, que se curvou e apresentou a si mesmo e a Luca — que estava com o rosto corado — e então se viu cortando legumes ao lado da dama.

Celaena disse para Essar, depois de um minuto:

— Então você está apenas... viajando por aí?

— Maeve nos deu uma tarefa, da qual eu não deveria falar, mas sim, isso demanda que nós viajemos um pouco. No entanto, estamos voltando à Doranelle, graças à Senhora da Luz.

Celaena levantou uma sobrancelha.

— Mala?

Essar levantou as mãos e as chamas dançaram na ponta dos dedos.

— Não é muito, mas nos manteve aquecidos no caminho pelo menos.

Celaena engoliu em seco. Ela nunca conheceu outro portador de fogo. Rowan sabia?

— É difícil... dominar o fogo?

Essar encolheu os ombros.

— Eu era jovem quando comecei meu treinamento e tive cerca de dois séculos para dominar o pouco poder que tenho. Além de algumas queimaduras e bolhas, eu nunca fui realmente capaz de causar muitos danos, ou impressionar alguém. Remelle tem o dom mais interessante, sua magia serve para dominar qualquer idioma que ela ouvir, não importa o quão breve. É por isso que Maeve gosta de mandá-la para lugares. E Benson tem um jeito de se tornar invisível sempre que quiser, o que faz dele...

Essar estremeceu.

— O que faz dele um bom espião. — Celaena terminou. Essar tinha que ser uma péssima espiã se estava disposta a conversar.

Essar afastou uma mecha de seu cabelo escuro e sedoso.

— Você deve ter dons impressionantes, já que o príncipe Rowan está treinando você.

— Eu...

— As verduras estão prontas? — perguntou Emrys, e um olhar do macho fez com que Celaena lhe mandasse um agradecimento silencioso. Ela lhe entregou uma tigela com as batatas e depois começou a trabalhar no próximo item. Essar estava fazendo fatias caprichadas e perfeitas — muito lentamente para ser útil, mas pelo menos ela estava tentando.

Essar disse casualmente:

— Imagino que Rowan não seja um professor fácil.

— Pode-se dizer que não.

— Mas eles são todos assim, Rowan e seus companheiros que servem à rainha.

— Você os conhece?

Essar corou lindamente.

— Eu estive envolvida com Lorcan, o líder deles, por um tempo. Mas... nossos estilos de vida são muito diferentes.

— E como é Lorcan?

– Um semifeérico, como você.

Ele era? Rowan não mencionou esse pequeno detalhe.

Essar continuou.

– Ele teve que provar a si mesmo durante todos os dias, todas as horas, desde que nasceu. Mesmo que seu poder não seja desafiado, por qualquer outra pessoa além de Rowan, isso é... Lorcan não é um homem de convivência fácil. Alguns dias, eu me surpreendo que ele tem amigos.

– E Rowan é amigo dele?

Essar deu-lhe um sorriso divertido.

– De certa forma. Eles nos assustam, sabe. Especialmente quando estão juntos. Quando ele e Lorcan estão juntos em um cômodo... Vamos apenas dizer que às vezes eles não o deixam intacto quando partem. Ou a cidade, para ser sincera.

– E mesmo assim, Maeve os deixa trabalharem juntos?

– Ela seria tola por deixar qualquer um deles ir embora, e é por isso que Maeve os ligou a ela pelo juramento de sangue. Eles dizimaram cidades para ela antes.

Um calafrio subiu pela espinha de Celaena.

– Realmente dizimaram cidades?

Essar assentiu gravemente.

– E, mesmo assim, Remelle acha que pode controlar Rowan, quer possuí-lo.

Rowan poderia acabar com Remelle com meio pensamento, se ele fosse provocado o suficiente.

– Ela é uma idiota.

– De fato. Mas poder é poder, e como Remelle não pode olhar além da linhagem mestiça de Lorcan, Rowan é a sua outra única opção.

– Será que seus filhos também pertenceriam a Maeve, como Rowan? Essar levantou a cabeça.

– Eu não sei. Nenhum de seus companheiros gerou descendentes, então não há como dizer o que Maeve faria.

Celaena estremeceu.

– Você não parece falar tão reverentemente quanto os outros fazem a respeito dela.

— Nem todos os feéricos são escravos dispostos, sabe. E parte do motivo de meu relacionamento com Lorcan se desfazer, foi devido a isso. Ele é jurado de sangue para ela, e não importa o quanto eu me importasse com ele, certamente não sou. Nem vou fazer um juramento como esse.

— Por que você está me contando isso?

— Porquê você está treinando com o macho feérico de sangue puro mais perigoso do mundo, e ainda assim ele a trata como igual. Ele a apresentou como igual.

Havia uma pergunta implícita ali: *quem é você realmente?* Mas Celaena não conseguiu responder.

— Eu acho que Rowan simplesmente não queria lidar com Remelle sozinho.

— Provavelmente. Mas ele também lidou com ela em sua própria abundância. E desde que Rowan não é do tipo que exhibe um novo companheiro apenas para irritar uma antiga amante...

— Não tenho certeza se entendi o que você está dizendo.

— Eu acho tudo muito interessante.

— Eu acho que você está exagerando sobre isso.

Mas Essar deu-lhe um sorriso suave.

— Tenho certeza que estou.

O jantar foi bem durante os seis segundos que levou para caminhar da entrada para a grande mesa no refeitório.

Como a mesa era imensa, eles colocaram os cinco lugares em uma extremidade, com Rowan à frente, como sua posição exigia. O plano era que Celaena se sentasse à sua esquerda com Essar ao lado dela, deixando Remelle para tomar o assento oposto ao de Celaena, e Benson de frente para Essar.

Mas Remelle, movendo-se mais rápido do que Celaena esperava, conduziu Benson para o assento destinado a Celaena, e sentou-se ao lado de Rowan, deixando para Celaena a opção de se sentar ao lado da loura branca ou do homem malicioso.

Ela escolheu Benson.

Rowan seguiu a provação sem comentários, sua atenção fixada em Benson enquanto Celaena se sentava ao lado do senhor. Mas se Benson notou ou não o brilho letal nos olhos de Rowan — Deuses, o que foi aquilo? — o lorde não revelou nada. Então Celaena não tinha nada melhor para fazer no silêncio, exceto tomar um gole de seu vinho, e rezar para que a refeição terminasse rapidamente.

O primeiro prato, uma sopa de frango assado na qual Remelle e Benson franziram as sobrancelhas, veio rápido o suficiente. O gosto era divino, e Celaena conseguiu dar uma colherada antes que Remelle dissesse:

— Então, você é do império de Adarlan.

Celaena tomou uma lenta segunda colherada de sopa.

— Sou.

— Eu pensei ter detectado o sotaque. Adarlan e... Terrasen, estou certa? Eles pronunciam suas palavras por lá tão brutalmente. Duvido que até anos aqui a cure do sotaque grosseiro.

Celaena tomou outra colherada muito lenta de sopa.

Mas Essar disse:

— Acho o sotaque bastante encantador, na verdade. — Benson grunhiu em concordância, dando-lhe um olhar longo demais, e Celaena lutou contra a vontade de mudar a configuração de uma ou duas cadeiras antes do amanhecer. Ou pegar sua colher e usá-la para arrancar os olhos dele.

— Bem, você teve uma educação tão provinciana, Essar — Remelle disse brilhantemente — Eu não estou surpresa que você tenha gostado.

O rosto redondo de Essar se apertou, mas ela não disse nada. No entanto, quando Remelle foi tomar uma delicada colher de sua sopa, ela soltou um assobio e quase deixou cair a colher. O líquido estava, de fato, fumegando, muito mais quente do que o de qualquer um deles. Essar deu à fêmea um olhar de inocência, mas Remelle disse:

— O cozinheiro estúpido ferveu essa sopa.

Celaena segurou uma resposta. Especialmente quando o rosto de Rowan se tornou uma máscara de calma. O que geralmente significava que a violência estava a caminho.

Esse tinha sido seu pedido, não foi? Para impedi-lo de causar uma briga que seria denunciada a Maeve?

Então Celaena engoliu sua própria raiva e disse a Essar:

— Você cresceu no interior?

Remelle revirou os olhos, mas Essar sorriu.

— Meu pai é dono de uma vinha no sudeste de nosso território. Passei minha juventude perambulando pelos pomares de oliveiras e bosques de ciprestes. Mas me mudei para Doranelle quando foi considerado o momento de entrar na sociedade.

— Infelizmente, Essar tem tido muito trabalho quando se trata de satisfazer os desejos de seus pais de encontrar um marido adequado — disse Remelle.

— Marido? — Celaena se viu dizendo. — Não... parceiro?

Remelle estalou a língua.

— Claro que não. Um parceiro é raro, a maioria dos feéricos não os encontra. — Celaena não conseguiu olhar para Rowan, embora seu coração estivesse tenso. Remelle acenou com a mão ociosa. — Então, nós nos casamos.

— E se você se casar, e depois encontrar seu parceiro?

— Guerras foram iniciadas por causa disso — Benson finalmente disse, seus olhos escuros pareciam absorver tudo. — Mas se for esse o caso, é tratado com muita delicadeza.

— Uma bagunça, é o que ele quer dizer — Essar esclareceu. — Um macho sentirá a necessidade de matar qualquer desafiante a sua parceira, mesmo que esse desafiante já esteja casado com ela. Mesmo se eles estiverem apaixonados. Para todos os nossos refinamentos, ainda há instintos que não podem ser controlados.

Celaena assentiu, terminando a sopa.

Remelle, no entanto, sorriu para ela.

— Mas, como mestiça, você não precisa se preocupar com essas coisas. Encontrar um parceiro é ainda mais raro para aqueles com sangue impuro, e nenhum de nós casaria com você, de qualquer maneira.

Celaena olhou para a fêmea por um longo momento, mesmo que ela pudesse jurar que sentiu as reverberações na mesa enquanto Rowan rosnava suavemente.

Remelle se recusou a quebrar o olhar, e Celaena se acomodou, desejando calma em suas veias. Ela podia sentir a atenção de Essar, e quase podia ouvir as peças do quebra-cabeça se encaixando em sua mente quando ela reconheceu a coloração dos olhos de Celaena e murmurou:

— Remelle.

Mas Remelle olhou para Rowan e começou a dizer algo na Língua Antiga, sorrindo docemente.

Quando Rowan não respondeu, Remelle se virou para Benson, dizendo algo mais, ao qual o lorde respondeu na mesma linguagem elegante e adorável.

Remelle voltou a abrir a boca, mas Rowan disse com um silêncio letal:

— Fale na língua comum, Remelle.

Remelle pôs as mãos no peito, zombando de um pedido de desculpas.

— Às vezes eu esqueço. Não é todo dia que estou na companhia de mestiços.

Essar engoliu em seco, sua pele marrom ficou um pouco pálida quando ela examinou Celaena e Remelle. Aí sim. A senhora tinha descoberto que não era uma mestiça comum sentada frente a eles.

Emrys e Luca entraram, levando a sopa e trazendo o próximo prato — carne assada e legumes. Emrys vagueou pela porta, e Celaena deu uma mordida no coelho, gemeu e virou-se para acenar com entusiasmo para o velho cozinheiro. Ele sorriu, seu rosto corando.

Então Remelle disse:

— Rowan, deve ser um desafio para você ter que comer isso todos os dias. — Ela empurrou a carne no prato e pousou o garfo. Celaena não podia olhar para Emrys, não se permitiu vislumbrar seu rosto.

Rowan disse:

— Eu como melhor aqui do que em Doranelle.

— Não precisa ser gentil — disse Remelle. — Se eles não aprendem o que gostamos, o que farão na capital?

Passos arranharam atrás deles, e Celaena soube que Emrys tinha voltado para o andar de baixo.

Celaena disse suavemente:

— Da próxima vez que você insultar meu amigo, eu vou enfiar o seu rosto no prato que estiver na sua frente.

Remelle piscou.

— Bem, eu nunca...

— Remelle — Essar sussurrou.

Mas Remelle colocou a mão no antebraço de Rowan, e agarrou com tal possessividade que Celaena viu vermelho quando a senhora assobiou para ele.

— Você vai deixá-la me insultar assim? Fazer ameaças contra um membro da casa real?

— Tire suas mãos de mim — Rowan disse, muito quieto.

Mas Remelle não soltou Rowan quando ela falou com Celaena:

— Você está dispensada dessa mesa. Saia.

Celaena olhou para sua mão pálida segurando Rowan.

— Tire sua mão dele.

— Eu posso fazer o que quiser, e se você tiver algum senso, você vai desocupar esse salão antes que eu tenha chicoteado você para o seu...

O fogo irrompeu e o grito de Remelle ressoou nas pedras.

Chama viva se envolveu em torno da dama, não queimando, não chamuscando, apenas prendendo. Até mesmo a mão em Rowan estava em chamas, e através da coluna de fogo vermelho e dourado, os olhos de Remelle estavam arregalados quando ela virou para Essar e disse:

— Liberte-me.

Mas Essar só olhou para Celaena.

— Não é minha magia.

Rowan ficou perfeitamente imóvel enquanto Celaena permitia que o fogo esquentasse. Não o suficiente para queimar, mas o suficiente para fazer Remelle começar a suar. E então Celaena disse:

— Se você levantar um chicote para alguém, eu vou te encontrar, e vou me certificar de que essas chamas queimem.

Ela teve que admitir: Remelle não tinha pouca coragem, especialmente quando a mulher disse:

— Como você se atreve a ameaçar uma dama de Doranelle?

Celaena riu baixinho.

— Da próxima vez que tocar em Rowan sem a permissão dele, vou queimar você até que vire cinzas. — Ela virou a cabeça para Benson. — E se você olhar para mim ou qualquer outra mulher assim de novo, eu vou derreter seus ossos antes que você tenha a chance de gritar.

Benson, sabiamente assentiu e desviou o olhar.

Essar estava pálida quando Celaena mostrou os dentes em um grunhido e disse a ela:

— Você mantém tudo o que escutou aqui para si mesma.

Essar assentiu.

Celaena finalmente enfrentou Rowan, que parecia estar tentando o seu melhor para não sorrir, embora a diversão ainda dançasse em seus olhos quando ela disse:

— Eu adio o julgamento para você, príncipe.

Ele estudou Remelle, que mal se movia, mal respirava, e depois sacudiu o queixo.

— Solte-a e vamos comer.

As chamas apagaram tão rápido que era como se elas nunca tivessem existido.

No silêncio que caiu, Remelle se inclinou sobre o braço da cadeira e vomitou no chão.

Celaena pegou o garfo, deu uma mordida no coelho e sorriu.

— Se eu nunca mais os ver, será muito cedo — disse Celaena na escuridão de seu quarto.

Rowan soltou uma risada baixa.

— Eu pensei que você gostasse de Essar.

— Eu gosto, mas... você deveria ter visto ela tentando me fazer falar na cozinha.

— Sobre o que?

— Sobre você. Sobre o nosso... relacionamento. Acho que você vai ser alvo de uma série de rumores desagradáveis.

— Eu acho que o status do nosso relacionamento será o menor dos rumores depois dessa noite.

— Essar disse que você e Lorcan uma vez dizimaram uma cidade juntos.

Ele assobiou.

— Ah. Sollemere.

— Eu nunca escutei a respeito dela.

— Isso é porquê ela não existe mais.

Ela se virou, encarando-o ao luar que entrava pelas cortinas.

— Você a limpou do mapa, literalmente?

Ele a alfinetou com um longo olhar.

— Sollemere era um lugar tão perverso, cheio de pessoas monstruosas que faziam coisas tão indescritíveis que... até Maeve estava enojada com eles. Ela deu-lhes um aviso para parar, e disse que se eles...

— Ele apertou a mandíbula — Há ações que são imperdoáveis, e eu não vou sujar esse quarto mencionando-as. Mas ela jurou que se eles continuassem a fazer aquilo, ela os aniquilaria.

— Deixe-me adivinhar: eles não escutaram.

— Não. Nós salvamos quantas crianças podiam com nosso exército. E quando elas estavam longe e a salvo, Lorcan e eu transformamos a cidade em pó.

— Você é tão poderoso assim.

— Você não parece chocada com isso.

— Você me contou um monte de histórias angustiantes. Se o que essas pessoas fizeram foi tão horrível que até mesmo você não conseguia suportar, então direi que eles tiveram o que mereceram.

— Tão sedenta por sangue.

— Isso é um problema para você?

— Eu acho cativante. — Ela lhe deu um empurrão brincalhão, mas ele pegou sua mão e a segurou, seus calos roçando os dela. — Você poderia fazer isso, você sabe. Fazer uma cidade inteira queimar.

— Espero nunca ter que fazer.

— Eu também. — Ele passou os dedos pelos dela e os levantou para examinar as cicatrizes ao longo das mãos dela, de seus dedos. — Mas eu nunca irei esquecer do olhar no rosto de Remelle quando você disparou fogo por sua boca e olhos.

— Eu não o fiz.

Ele riu, um baixo ruído que ecoou no peito dela.

— Parte mulher, parte dragão.

— Eu não cuspi chamas.

— Seus olhos se tornaram dourados.

Celaena tornou os mesmos olhos para ele.

— Você irá me repreender?

Ele baixou as suas mãos para a cama, mas não a deixou ir.

— Por que eu deveria? Ela teve seu aviso prévio, e ignorou, e então você o fez. Isso segue os Modos Antigos, e você tinha toda a razão ao mostrar para ela o quão sério estava falando.

Ela considerou o que ele disse, e depois de um momento falou:

— Me assustou, o quanto em controle eu estava. O quanto eu quis fazer isso. Me assustou que eu não estava assustada. Me assustou que...

— Ela se obrigou a olhar para ele. Seu rosto era ilegível na luz fraca. — Me assustou que... Me assustou que eu passei a me importar tanto com você que desenharia essa linha na areia. Me assustou que eu queimaria e mutilaria e mataria por você, e ainda assim... ainda assim você continuaria pertencendo a Maeve, e não há nada que eu possa fazer, nenhuma quantidade de quanto eu posso queimar, matar e mutilar, para te manter comigo.

Ele liberou sua mão — apenas para deslizá-la por sua bochecha, o gesto tão inesperado que ela fechou seus olhos, e se inclinou contra ela, ouvindo as palavras não ditas em seu toque.

“Eu sei.”

A comitiva partiu na manhã seguinte, e Rowan não se incomodou em trazer a princesa para vê-los partir. Era para o melhor, dado que Remelle ainda parecia furiosa, Benson se recusava a olhar para qualquer um, e até mesmo Essar estava com os olhos arregalados.

Rowan esperou até que todos estivessem montados em seus cavalos elegantes nos jardins antes de se aproximar. Foi com Essar que ele falou, segurando o freio de sua égua Asterion.

— Vamos esperar que ontem tenha sido o maior evento de sua jornada.

Remelle fungou em sua sela, mas não disse nada.

Contudo, Essar olhou para a fortaleza, como se pudesse ver através do musgo e rochas a princesa dormindo dentro.

Essar era uma bela fêmea — suave e convidativa e inteligente — e ele nunca entendeu o porquê de Lorcan não ter tentado duro para mantê-la. Mas a crueldade de Lorcan e sua fria ambição eram suas melhores ferramentas e piores inimigas. Ele apenas a havia enxergado pelo que ela poderia oferecer dentro de seu quarto.

Essar disse:

— Eu acho que nenhum de nós irá esquecer a noite passada, não tão cedo.

Nem mesmo ele. Quando Aelin engoliu Remelle com suas chamas, ele ficou estupefato. Ela não havia demonstrado habilidades naquele nível, não havia praticado aquilo.

E se Remelle tivesse lutado de volta, se Remelle tivesse ferido fisicamente alguém naquela fortaleza... a senhora seria cinzas ao vento agora.

Uma ameaça havia sido feita contra aqueles que Aelin via como iguais. Tais coisas seriam tratadas com rapidez e brutalidade.

Interessante — tão interessante que esse lado da princesa tivesse vindo à tona.

E ela o havia reivindicado.

Essar sabia. Ela descobriu que tipo de magia corria nas veias de Aelin, e que na noite passada, a Rainha de Terrasen tinha feito uma reivindicação sobre ele. Se Essar dissesse a Maeve sobre isso...

Os outros membros do grupo se moveram, Remelle rígida em sua sela, mas Rowan permaneceu com Essar.

— Diga o preço pelo seu silêncio — disse Rowan.

As sobrancelhas escuras de Essar se ergueram.

— Você acha que eu iria até os fofoqueiros mais próximos para falar que Aelin Galathynius está treinando aqui?

— Você sabe do que estou falando.

Os olhos escuros de Essar se estreitaram.

— Eu também não correria para Maeve. Remelle vai dizer a ela que a garota fez birra e a atacou sem provocação, ela nunca admitiria a verdade por trás disso. Ou descobriria quem ela realmente é. E Benson... deixe-o comigo.

— E o seu preço?

— Não há preço, príncipe.

Ele agarrou as rédeas com mais força.

— Por quê?

Essar estudou o grupo que desaparecia, depois a fortaleza.

— Nós nos conhecemos há bastante tempo. Através dos séculos, eu nunca vi você apresentar outra mulher como sua igual, como sua amiga. E eu não acho que você tenha feito isso por causa de quem ela é. — Rowan abriu a boca, mas ela disse: — Eu não tiraria esse presente de você, Rowan. Porquê é um presente. Ela é um presente, para o mundo e para você.

Seus dedos afrouxaram as rédeas e Essar conduziu sua montaria a uma caminhada.

— Ela vai lutar por você, Rowan — disse Essar, olhando por cima do ombro. — E você merece, depois de todo esse tempo. Você merece alguém que queimaria a terra em cinzas por você. — Seu coração batia

descontroladamente, mas ele manteve seu rosto neutro, sua vontade de gelo e aço.

— Se você o vir — acrescentou Essar com um sorriso triste — diga a Lorcan que eu mandei meus cumprimentos.

E então ela se foi.

As coisas voltaram ao seu ritmo habitual nos dois dias que se seguiram, embora Rowan não conseguisse parar de pensar no que Essar dissera. Porque ele sabia que era verdade, porque... porque ele queria que fosse verdade.

Aelin não disse nada sobre isso, embora ele às vezes a pegasse analisando-o, como se tentasse decifrar algum quebra-cabeça.

Ele estava debruçado sobre um relatório que Vaughan lhe enviara quando ela entrou em seu quarto naquela noite. O cheiro de chocolate e nozes o atingiu, e quando ele torceu em seu assento, percebeu que ela carregava um pequeno bolo disforme, com um sorriso tímido no rosto.

— Demorei horas para fazer essa maldita coisa, então é melhor você dizer que está bom.

Ela colocou na frente dele, junto com um prato, garfo e faca. A lâmina, ela usava para cortar a massa coberta de chocolate, cortando um pedaço grande. Estava coberto com uma cobertura mais clara, um pouco de recheio de aparência cremosa no meio do bolo escuro.

— Bolo de chocolate com avelã?

Ela colocou o pedaço no prato para ele e pegou sua mão para pressionar o garfo.

— Você não tem ideia de como foi difícil obter os ingredientes. Ou para encontrar algum tipo de receita. Eu nem provei ainda. Emrys parecia que ia desmaiar de horror. — Quando Rowan apenas olhou para o bolo, ela estalou a língua. — Este é o favor que você me deve. Apenas prove.

Ele deu a ela um longo olhar que geralmente fazia homens correrem, mas ela mordeu o lábio e olhou para o bolo. Foi o suficiente para ajustar o aperto no garfo, pegar um pedaço e levá-lo à boca.

Enquanto ele mastigava e engolia, ela estava praticamente pulando de um pé para o outro e torcendo as mãos. Então ele soltou um grunhido de prazer, deu outra mordida, depois outra, até que o pedaço todo sumiu do prato.

Então ele pegou outro pedaço. E outro. Até que seu estômago estivesse protestando, e somente uma fatia foi deixada no prato.

— Eu te disse que era delicioso — ela declarou, dando-lhe um sorriso triunfante quando ele pousou o garfo. Ela bagunçou o cabelo dele, mas ele pegou seu pulso, apertando suavemente enquanto ele se levantava de seu assento e levava seu rosto perigosamente para perto do dela.

Ele conhecia cada mancha de ouro naqueles olhos notáveis, sabia o gosto de seu sangue. Estava tão perto que a sua respiração se misturou a dela...

— Agora estamos quites — ele disse, e saiu do quarto.

Ele estava a cerca de três passos no corredor quando o garfo de Aelin raspou contra o prato, sem dúvida pegando o pedaço de bolo que ele havia deixado. Um momento depois disso, seu xingamento ecoou nas pedras da fortaleza, seguida de um cuspedo e uma tosse.

Apesar de tudo, Rowan estava sorrindo quando abriu a porta do banheiro, e rapidamente despejou o conteúdo de seu estômago.

Extra de Rainha das Sombras

Chaol & Nesryn

Após duas semanas a bordo do Talhador de Ventos, Chaol Westfall ainda não estava inteiramente certo de como Dorian e Aelin haviam organizado para ele permanecer dentro da extravagante suíte do capitão.

Ele não se surpreenderia com ambos se eles tivessem subornado ou intimidado o capitão do navio a ceder seu quarto — mas, com a cortês e fria distância com que o capitão tratou ele e Nesryn, Chaol suspeitava que a rainha de Terrasen fez questão de visitar o navio antes de partir para o seu próprio reino.

Uma suspeita que só foi solidificada pela impressão de mão queimada na mesa do outro lado do aposento.

Honestamente, ele teria preferido se eles apenas tivessem lhe dado uma pequena cabine. Principalmente por duas razões: a primeira, e talvez a pior, foi que isso só chamou atenção para ele. A sua condição. Ele ainda não sabia como, exatamente, chamar o entorpecimento absoluto e a falta de movimento abaixo da cintura.

Mas ele só poderia suportá-lo graças à outra razão para querer um quarto menor: Nesryn. Com uma cabine maior, realmente não havia desculpa para ela ficar em outro lugar. E, apesar dele saber muito bem que ela poderia cuidar de si mesma, a ideia de Nesryn permanecer abaixo do convés em um navio cheio de homens endurecidos pelo mar fez com que ele rangesse os dentes.

Então ela ficou com ele. Ali. Naquele quarto. Naquela mesma cama na qual ele estava agora deitado, observando o reflexo da luz solar sobre a ondulação da água contra o teto pintado de branco.

Ele não a tocou — não durante as noites que tinham compartilhado a cama. Também não durante as horas do dia. Embora ele certamente tenha acordado a maioria das manhãs com a prova misericordiosa de que algo ainda funcionava abaixo da cintura.

Não que Nesryn tenha mostrado qualquer inclinação para tocá-lo também. Ele não tinha certeza se isso era uma bênção. Se ele poderia suportar a humilhação certa de tentar sem o uso de suas pernas. Se ele poderia aguentar estender a mão para ela, apenas para ela rechacá-lo.

Ele sabia que Nesryn não pensava menos dele. Ela acreditava que a lesão era apenas temporária, e ele sabia que, mesmo que ela tivesse que bater nas portas da Torre Cesme, ela encontraria ajuda com seus famosos curandeiros.

Mas ele ainda notou a maneira como ela às vezes olhava para ele — com essa dor e piedade.

Ele queria gritar sempre que ela fazia isso. Sempre que algum dos marinheiros do navio tivesse o mesmo olhar enquanto eles o empurravam naquela cadeira infernal até o convés para um pouco de ar fresco. Outra razão pela qual ele tinha recebido a suíte do capitão: não exigia escadas para acessar o convés.

Ele tentou. Todo dia ele tentava mover apenas um dos dedos dos pés.

O silêncio vazio que o cumprimentava era mais aterrador do que os momentos em que enfrentou o rei. Até a morte que ele acreditava estar chegando tinha sido menos angustiante e insuportável do que o silêncio total de seu corpo.

Chaol soprou uma longa respiração e deslizou seu olhar para a mulher dormindo ao seu lado.

Os cabelos escuros de Nesryn se derramavam no travesseiro, seu rosto bronzeado suavizado com o sono.

Eles haviam sido amantes há mais de um ano, mas nunca haviam compartilhado uma cama até agora. Não passaram muito tempo juntos além do necessário para se divertirem.

Tudo com ela estava fora de ordem desde o início. Eles nem se tornaram amigos adequados até esta primavera. E eles certamente não eram amantes agora.

Ela nunca falava sobre isso.

Sua sobrancelha franziu um pouco enquanto dormia e se aninhou no travesseiro. O amanhecer havia irrompido há apenas alguns minutos. Eles geralmente acordavam com o nascer do sol para treinar de qualquer

maneira que ele pudesse no convés, mas... ela deveria estar esgotada se dormiu com o deslocamento da luz. Ele poderia deixá-la dormir. Já que ele certamente não conseguia entrar naquela cadeira que aguardava sem ela.

Chaol esfregou os olhos com o polegar e o indicador.

Ele desejou poder voltar a dormir. Se Nesryn não tivesse se juntado a ele nessa jornada, ele poderia muito bem não ter se incomodado em sair da cama. Apenas para evitar olhares. E evitar o constante e incessante lembrete de tudo que ele não deu valor. O corpo que ele presumiu que sempre o serviria.

Mas as coisas que ele veio a depender, as coisas que ele assumiu que sempre seriam as mesmas, sempre estariam certas... Elas também desapareceram. Elas desapareceram no momento que Nehemia Ytger morreu, no momento que aquele colar havia passado ao redor do pescoço de Dorian. No momento em que ele viu seus próprios homens, viu Ress, pendurados na cerca do castelo.

Chaol soltou uma respiração do fundo do peito.

Ele não havia dito a Nesryn ou Dorian que desejava estar entre eles — seus homens.

Que ele desejava que Aelin não deslizado o Olho de Elena em seu bolso; que Rowan Whitethorn não o tivesse poupado do colapso do castelo de vidro.

Que, apesar de Dorian designar-lhe a Mão do Rei, ele ainda não era melhor do que um quebrador de juramentos, um mentiroso, um traidor.

O sol tornou-se implacável quanto mais perto eles navegavam das margens do continente sul.

— Isso só vai piorar — admitiu Nesryn enquanto ela ofegava ao seu lado no convés principal, depois que Chaol mencionou o calor pela segunda vez naquela manhã. Ambos já estavam profundamente bronzeados das horas passadas ali, embora ela lidasse com o sol melhor que ele. O rosto, o peito nu e as costas de Chaol estavam salpicadas de manchas de pele descamando de várias queimaduras solares.

— E será ainda mais quente em Antica, com o verão agora sobre eles
— ela acrescentou, terminando seu conjunto de exercícios abdominais. Ela tomou um gole de um copo d'água ao lado deles antes de afastar seus pés no convés e prendê-los. A única maneira dele exercitar os músculos do estômago.

Chaol trincou os dentes e começou seu conjunto, seu corpo já dolorido dos exercícios fatigantes que eles haviam trabalhado. Tranquilamente, com calma. Nada como a alteração verbal que sempre acompanhava seus treinos com Aelin.

Ele se perguntou se isso o tornava um bastardo por não saber o que ele preferia.

Ele estava em sua sétima abdominal quando Nesryn disse:

— Você está quieto hoje.

Ele parou no ápice da contração até seus joelhos, encontrando seu olhar escuro. Cautela brilhava naqueles olhos escuros como a noite, naquele rosto amável e solene. Ele notou a forma como os marinheiros a olhavam. Especialmente agora que ela vestia roupas civis. Especialmente quando seu suor fez sua camisa branca grudar, sobrando pouco para a imaginação.

Chaol tentou não olhar para a camisa branca enquanto renovava suas repetições.

— É o calor.

— Assim você disse.

Desafio, lustroso e frio, espreitava sob aquelas palavras. Ele o ignorou. O que ele realmente pudesse dizer que não era óbvio? Ela estava segurando suas malditas pernas. E ela teve que ajudá-lo a usar a latrina.

Chaol contraiu-se para cima novamente, um fio de suor deslizando pelas costas, fazendo cócegas, cócegas, então nada. Passou por qualquer linha de demarcação e depois desapareceu. Ele fez outra contração, depois outra.

Seus amigos provavelmente se preparavam para um conflito com Morath e ele mal podia se exercitar sem assistência. E se esses curandeiros falhassem, se ele não pudesse voltar a andar novamente...

— É o suficiente — disse Nesryn quietamente. — Você fez o dobro.

Chaol obedeceu, se deitando de costas, um calor fervente no rosto, no peito nu.

Um peixe flutuando no sol...

Ele poderia vencer isso; poderia lutar contra isso.

Mesmo que o pensamento de Nesryn e o marinheiro qualquer que esperava para ajudá-lo a entrar naquela cadeira o fizesse querer rolar do convés para dentro do mar. Seu estômago queimava, seus braços doíam — mas ele apontou seu queixo para ela.

— Próxima rodada.

— Está muito quente. Você terá insolação.

— Não sou inválido.

— Não, mas você também não está imune aos perigos do sol, então, terminamos.

Ele se sentou, segurando seu olhar enquanto rosnava:

— Próxima. Rodada.

Eles estavam perto o suficiente para compartilhar a respiração e a dela agitou-se contra sua boca quando Nesryn disse calmamente:

— Não. — E se levantou de onde segurava seus pés.

Sem o peso do aperto dela, suas pernas deslizaram para fora, e apenas o aperto de seus músculos estomacais e as mãos esticadas no convés o salvaram de cair de costas. Seu rosto se aqueceu, mais quente que o sol de meio-dia, e ele se recusou a ver quais marinheiros o observaram.

Ela atravessou os poucos passos até a cadeira de rodas e cada gemido e chacoalho conforme ela a rolava em sua direção era como garras arranhando seu temperamento.

Mas ele deixou que ela e o marinheiro que estava esperando o levassem até ela. E ele não falou, nem olhou para nada além da porta à frente, quando Nesryn o empurrou de volta para o quarto deles.

Ele também não falou por um tempo depois disso.

Como um passageiro, e como incapacitado, havia pouco a fazer durante o dia.

Além de planejar suas reuniões inevitáveis em Antica e, quando isso ficava cansativo, ler o baú de livros que Dorian enviou junto com eles.

Sentado na grande mesa do capitão na suíte, Chaol examinou a lista de nomes que Nesryn e Dorian haviam fornecido.

— O imperador — ele disse a Nesryn conforme o sol da tarde se afundava em direção ao horizonte — tem consultores e conselheiros o suficiente para constituir todo um exército.

— Ele governa um continente — disse Nesryn suavemente da espreguiçadeira perto das janelas manchadas de sal, onde ela lia um dos livros de Dorian. — Ele precisa de um exército de pessoas para gerenciá-lo. E ele é chamado de Khagan, não imperador.

Chaol franziu a testa para as folhas de informações. A cidade-deus era o coração desse império, a poderosa fortaleza do khagan por trezentos anos.

O continente se esticava da costa árida do norte, que Antica ocupava, para os vastos estepes de pastagem e desertos no leste, onde a linhagem do khagan reinara como senhores de guerra nômades antes de se transformarem em conquistadores, aos exuberantes arrozais e selvas no oeste, até as altas montanhas que se estendem até um mar gélido no sul. Os khagan tomaram tudo, e construíram várias cidades por todo lugar, centros-chave para comércio e aprendizagem e invenção. A magia não era abundante como em sua própria terra, embora seus curandeiros fossem extraordinariamente bem dotados.

Chaol supôs que, para um povo conquistador, ter uma abundância de curandeiros provavelmente ajudou na sua ascensão. E esperava que ajudasse sua própria cura.

Contudo, a outra coisa, a maior coisa, que ele precisava...

— Ele tem seis filhos — Chaol disse a Nesryn. — Quem comanda os exércitos do norte? — O que seria o mais próximo do Mar Estreito, para ajudar Adarlan.

— O segundo filho mais velho. Sartaq. Aquele que provavelmente receberá a coroa.

A sucessão no khaganato não era determinada por nascimento ou gênero. Não, era determinada por quem o imperador pensava que era o mais forte. Talvez outra razão pela qual a dinastia tenha durado. Menos herdeiros eram descartados; melhores, erguidos. O último Khagan tinha sido mulher, uma poderosa imperatriz que tornou a escravidão ilegal, pagou muito dinheiro para trazer artistas de todos os tipos para enriquecer suas cidades e abriu rotas comerciais com inimigos anteriores, enchendo os cofres do império até transbordar.

Ela escolheu seu quinto filho, o atual khagan, para tomar seu trono, apenas alguns dias antes de morrer na idade madura de 96 anos. Já casado com filhos próprios, o khagan garantiu seu reinado matando os irmãos que haviam desejado seu trono. Imediatamente. Junto com quaisquer descendentes deles.

Apenas três outros sobreviveram a seus assassinatos. Um deles fugindo para o exílio e os outros dois juraram fidelidade. Começaram por ordenar que os curandeiros da Torre Cesme os tornassem inférteis.

Nenhuma ameaça à linhagem.

Os khagan sabiam que a maioria dos impérios não eram destruídos apenas por forças externas, mas por fraquezas internas. Uma vasta linhagem real oferecia muitos contendores para o trono, muitas chances de facções divisórias. Chaol se perguntou como tinha sido crescer naquela casa, ser um potencial herdeiro khagan e saber que seus irmãos poderiam um dia matá-lo.

Embora Chaol suspeitasse que não seria muito diferente de sua própria educação.

Sua atenção se dirigiu ao grande mapa pintado na parede. Para Anielle.

Seu pai tinha ouvido falar de seus ferimentos? Sua mãe tinha?

Anielle estava tão perto de Morath. Muito perto. Ele rezou para que seu pai tirasse sua mãe dali, também levasse seu irmão Terrin, antes que fosse tarde demais. O pensamento de ambos nas garras de Morath...

— Não temos nada a oferecer ao khagan — disse Chaol quietamente.

Nesryn colocou o livro no colo.

Chaol continuou quando ela se manteve em silêncio:

— Nós já negociamos com eles, já concordamos em não incomodá-los se eles não nos incomodarem... Não há incentivo para se juntar a esta guerra, para enviar um exército capaz de martelar Morath.

— Eu pensaria que a ameaça de Morath virar seus olhos sobre eles seria incentivo suficiente — disse Nesryn, também estudando o grande mapa.

— Seu império é maior. Morath pode parecer inconsequente.

— Não com aqueles anéis e colares, não se eles tiverem uma legião aérea de bruxas que podem saquear cidades.

O estômago de Chaol se contorceu.

— O khagan pode achar mais rentável se aliar a Morath.

— Ele nunca faria isso. — Disse Nesryn com força. — Nós não nos inclinamos diante de governantes estrangeiros e, certamente, isso seria o preço de se aliar a Morath. Mas o khagan ainda precisará ser convencido da ameaça, seus filhos precisarão ser convencidos da ameaça.

Chaol tamborilou um dedo na mesa.

— E quanto à ameaça que nossos inimigos colocam?

Uma sobrancelha escura se levantou.

— Dorian tem magia, mas Aelin... como eu explico Aelin Galathynius?

— Ela lhe deu licença para negociar em seu nome. Eu suponho que isso significa que você é livre para explicá-la de qualquer maneira que nos beneficiará.

— Uma assassina transformada em rainha que pode destruir castelos e matar reis quando quiser?

Nesryn estudou a capa de seu livro.

— O khagan emprega muitos espões. Eles podem já conhecer a parte da assassina, e seu envolvimento com você.

— Você acha que isso prejudicaria nossa causa?

— Somos livres para amar quem quisermos no continente sul — disse ela. — Muitos não se preocupam com votos de casamento. Mas Aelin Galathynius compartilhou uma cama com Dorian Havilliard, com você, e agora com o príncipe Rowan. Eles podem ter... perguntas.

— Ela não compartilhou uma cama com Dorian. Não dessa forma.

— Foi um emaranhamento romântico independentemente.

Ele apertou seu maxilar.

Ela abriu o livro novamente com uma casualidade fingida.

— Você... você ainda guarda esperança por ela?

— Não — ele disse, sua voz monótona e vazia. — Ela mudou de ideia; ela mudou como pessoa. E mesmo que ela quisesse estar comigo, eu não teria deixado Dorian, e ela teria ido para Terrasen e nunca teria funcionado. E talvez nós ficássemos um pouco destruídos por isso, mas em um ano ou dez... Rowan teria estado lá. Esperando por ela, todo esse tempo.

— Essa é uma visão bastante romântica disso. — Mas seu olhar subiu para seu rosto. Para a cicatriz em sua bochecha, cortesia de Aelin.

— Ela tem permissão para se apaixonar e desapaixonar quando ela quiser.

— E você se desapaixonou por ela?

— Esta primavera e verão foram um turbilhão — ele disse com força, olhando para a mão queimada espreitando sob uma pilha de papéis na mesa. — Entre Dorian e tudo o que aconteceu... Tudo se desfez. Se o preço para obter Dorian de volta foi perdê-la, então, que assim seja.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Estou aqui com você, não estou?

— Sim, mas isso não significa que você deseja estar.

O instinto o fez se afastar da mesa — para ficar de pé. E sua raiva quando seu corpo se recusou a se mover, quando suas pernas não responderam...

— Eu deveria me deitar na cama e chorar sobre isso? Que eu não era o único que ela queria? Eu deveria lamentar o fato de que os sonhos que eu tive, os planos que fiz, eram todos para uma mulher que não existia? Amar uma assassina sem responsabilidades é completamente diferente de amar uma rainha com um reino e um mundo para cuidar. Será que eu a amaria se eu soubesse desde o início o que ela é? — Ele balançou a cabeça. — Se a conhecesse agora... meu primeiro instinto teria sido proteger Dorian dela. Imagino que o khagan sinta o mesmo.

Suas palavras afundaram, uma a uma. Ele acrescentou mais calmamente, passando uma mão sobre seu rosto.

— Essa é a diferença. Celaena era uma fração de Aelin, tanto boa quanto ruim. Mas Aelin... ela é Celaena e ela é rainha e ela é a Portadora do Fogo. Eu me apaixonei por uma faceta e entrei em pânico quando percebi que era uma fração do todo, quando eu vi aquele poder, aquela herança e... Não fazia parte dos meus planos.

Ele olhou para o mar brilhando por trás dela, o vento chicoteando as ondas.

— Rowan Whitethorn viu tudo. Desde o momento em que a conheceu, viu Aelin por inteiro. E ele não estava com medo. Eu não culpo nenhum deles por se apaixonarem. Eu não a culpo. — Ele soltou um suspiro estremecido. — Eu era o que Celaena precisava depois de Endovier. Mas Rowan é quem Aelin precisa, para sempre.

— E quanto ao que você precisa? — Nesryn inclinou a cabeça, aquele cabelo escuro deslizando ao longo de seu pescoço e mandíbula.

— Eu nunca estive em posição de exigir as coisas que eu preciso. Essa viagem... é a primeira.

Ela caminhou até ele com um silêncio felino, empoleirando-se na borda da mesa diante dele. Ela olhou para ele por um longo momento, o bater das ondas e gemido da madeira o único som.

Ele não se moveu quando Nesryn estendeu mão esguia e afastou o cabelo da testa dele.

— Você dá e dá e dá — ela murmurou. — Quando será o suficiente?

— É minha honra servir.

— Eu não quero dizer dessa maneira. Quando você já foi egoísta?

— Pare de tentar me fazer ser algo que não sou.

Ela baixou a mão de seu cabelo, o canto de sua boca puxando para cima.

— E o que é isso? Um bom homem?

— Pessoas morreram por minha causa.

— Eles também morreram pela minha mão e a de Aelin e muitos outros. E isso é guerra. Um grande número morrerá devido as suas escolhas ou pela sua mão também.

— Não se eu não puder andar.

— Você vai andar de novo.

Ele encontrou aqueles olhos escuros. Uma determinação brilhante e inabalável cintilava ali.

— Você caminhará novamente — repetiu Nesryn. — E você lembrará que você é um bom homem independentemente, um homem corajoso e altruísta. Você lembrará que talvez você não tenha magia, mas há um forte poder na força das pessoas comuns. Você se lembrará disso... — seu peito arquejou e ela se estabilizou com um longo suspiro.

— Você se lembrará, Chaol — ela continuou — de que o mundo precisa de homens como você. Na guerra e depois dela. Especialmente depois dela.

— E quanto a você?

— E quanto a mim?

Seu coração trovejava conforme ele traçava um dedo sobre a parte de trás da sua mão, os nós de seus dedos brancos enquanto ela segurava a borda da mesa.

— Onde você se encaixará nisso?

— Irei onde mais precisarem de mim.

— E se isso for ao meu lado?

— Então é aí que vou estar. — Seus olhos reluziram. — Mas eu não te preendo a nenhuma promessa, Chaol. Eu não espero nada.

— Por quê?

— Porque eu sei quem eu sou e o que sou. Você se voltou para mim no verão passado, depois que Lithaen o deixou pelo lorde Roland. Você se voltou novamente para mim nessa primavera, depois de Aelin. Não sou sua primeira escolha. Mas, por enquanto, satisfaz meus próprios interesses estar aqui. Eu gosto da sua companhia, gosto de você.

Ele não tinha certeza de como a conversa havia mudado para isso.

— Você... você não é um tipo de prêmio de consolação.

Ela soltou uma risada baixa e se inclinou para beijar o topo de sua cabeça.

— Você me escolheria se Aelin tivesse corrido de volta para você? Você notaria a minha existência? — Ela se afastou quando ele não respondeu, um sorriso modesto em sua boca.

Ela fez menção de se afastar, mas ele agarrou seu braço.

Puxou, na verdade, conforme ele a trazia até ele e reivindicava sua boca.

Nesryn enrijeceu, mas não recuou. Então ele suavizou seu beijo, afrouxando seu aperto em seu braço, deslizando sua mão em volta do pescoço dela para descansá-lo contra sua nuca. Segurando-a contra ele enquanto ele beijava o canto de sua boca, o arco de seus lábios. Incitando beijos, explorando a forma de sua língua, até que ele mordiscou seu lábio inferior.

Nesryn fez um pequeno som e finalmente se abriu para ele. O calor de sua boca, o deslizar de sua língua conforme se encontrava com a dele...

Calor e aço e seda, estar com ela sempre foi assim. Como puxar para trás uma cortina de seda e encontrar uma tempestade rugindo abaixo. Constatando que ele não tinha poder para resistir perder-se nela.

Ele inclinou sua cabeça ligeiramente para reivindicá-la mais completamente, a mão que segurava seu braço deslizando para descansar em seu quadril.

Ela não precisou de encorajamento. Suas mãos percorreram seus ombros, apertando seus músculos, conforme ela o montava. Esbelto, seu corpo era tão esbelto quando ele a tocava assim. Ele esquecia tão facilmente o quanto ela era menor que ele, o quão delicadamente construída era.

Suas mãos vagaram por suas costelas, suas costas, e ele rosnou em sua boca quando ela se pressionou contra ele. Sim, aquela parte dele certamente funcionava.

Calculada, fria Nesryn, ela era como aço fundido em seus braços conforme ele devorava sua boca e depois ele afastou seus lábios para provar seu pescoço, provar sua pele. Sal e sol e fumaça...

Ele deslizou uma mão pela lateral, então, apalpou seu seio. A mão dela pousou no topo da dele, orientando-o a apertar com mais força, a

embrulhar seu seio em sua palma conforme ele lambia a coluna de sua garganta.

O ruído que saiu dela, profundo e sem fôlego, o fez ver vermelho. Se suas malditas pernas funcionassem, ele teria se levantado da cadeira e esticado-a naquela mesa. Mas elas não funcionavam.

E até mesmo estar aqui nessa cadeira... mesmo se eles chegassem na cama...

Como ele poderia experimentá-la em todos os lugares que desejava sem precisar de sua ajuda?

Ela sentiu sua pausa. Sentiu os pensamentos traiçoeiros que o agarravam.

Nesryn agarrou seu rosto, sua respiração irregular.

— É temporário, e vamos lutar juntos. — Ela se inclinou, mordiscando seu pescoço, sua orelha. — Eu posso fazer tudo.

Suas costas se enrijeceram.

— Eu não quero que você faça tudo.

Mas seu dedo se aproximou do botão de sua calça.

— Eu quero.

Por um instante, sua mente lampejou entre sua cadeira e um armário de vassouras dentro do castelo de vidro. Onde foi tão fácil, tão estupidamente fácil, levantar Aelin contra a parede e tomá-la. Onde ele ria enquanto fazia. Seu estômago se contorceu, náuseas ondulando através dele enquanto olhava aquela marca de mão queimada na mesa.

Nesryn deslizou sua mão sob a cintura de suas calças. Ele pegou seu pulso e o apertou levemente.

— Pare.

Ela obedeceu. No momento em que a mão dela estava livre, seu rosto ficou imóvel e solene. Ela permaneceu em cima dele, mas...

— Não dessa forma — disse ele. — Eu não quero que seja assim.

Ele não conseguia ler seu rosto quando ela perguntou suavemente:

— Você pode... sentir, não pode?

— Deuses, sim. — Ele estava tão dolorido que achou que ia entrar em combustão. — Essa parte ainda funciona.

— Nós podemos nos mover para a cama.

— Não.

Mais uma vez, nenhuma onda de emoção naquele belo rosto. Como se ela tivesse soprado a vela que as continha.

Lentamente, ela se levantou, ajeitando sua camisa.

— Está quase na hora do jantar. Eu irei buscar a comida.

— Nesryn.

Mas ela já caminhava em direção à porta dupla, suas costas um pouco mais rígidas do que o habitual.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas as palavras falharam com ele. Como ele poderia explicar? Que era humilhante? Que ele não queria ficar lá como um inválido enquanto ela o montava? Que ser passivo, ser obrigado a pedir as coisas...

Ele odiava palavras, sempre preferiu ações. E isto...

Ele ainda não tinha nada a dizer quando ela fechou a porta atrás de si mesma.

Eles mal falaram durante e após o jantar.

E quando ela o ajudou a deitar na cama e depois se arrastou por conta própria... ela ficou o mais longe possível. Seus braços enrolados em torno dela. Ele sabia que ela não estava dormindo — sabia que sua respiração era muito rasa, muito quieta.

— Não tem nada a ver com você — ele disse com a voz rouca. — Se eu pudesse, eu teria... Eu já teria tomado você de todas as maneiras. Mas eu não posso e não quero me conformar com uma versão reduzida...

— Você não sabe se seria assim.

Suas primeiras palavras para ele em horas.

— Você nem sequer tentou descobrir — ela continuou, suas costas ainda para ele. Ele suspirou ríspidamente pelo seu nariz.

E o som deve ter acendido seu temperamento, porquê ela finalmente se virou.

— Você não pode parar de lutar. Você não pode parar de viver. Ou você nunca sobreviverá ao que está por vir.

— Diz a mulher que mal sorri e ri.

— Não confunda minha reserva por falta de sentimento. Não pense que, porque eu não proclamo minhas emoções por toda parte, significa que eu não as tenho. Que eu não tenho esperanças e medos e desejos. Eu tive que aprender a ser calma, a ser quieta e distante... porque crescer em uma cidade onde a maioria das pessoas estava predisposta a não gostar de mim devido à minha herança, eu tive que ser essas coisas. E agora que nos dirigimos à guerra, eu acho que essas coisas foram presentes. Mas eu não excluo o mundo. Eu não encerro a vida. E eu acho que você estava fazendo isso por muito, muito tempo antes de sua espinha ser quebrada. Antes mesmo de Aelin aparecer.

Ele abriu a boca. Contudo, Nesryn já havia se virado.

Ele refletiu sobre suas palavras, seu rosto desconfortavelmente quente. Ela estava certa. Claro que estava certa.

Ele tentou mover os dedos dos pés. Tentou fazer qualquer coisa abaixo da cintura. Somente silêncio.

Três dias. Três dias até chegarem ao porto de Antica.

Ele não a despertou para expressar sua conclusão uma hora depois. Em vez disso, ele novamente a observou dormindo, aquele rosto encantador gentilmente adormecido.

De qualquer forma, era estúpido dizer. Não seria o que ela queria ouvir. Que mesmo que ela tivesse um ponto sobre viver... esta guerra poderia muito bem acabar com todos eles mortos de qualquer maneira. E ele lutaria como o inferno para salvar Dorian desse destino, para salvar Adarlan, mas... ele realmente não via o motivo de se apaixonar pelo mundo. Não quando poderia ser tomado dele. Não com tantos perigos esperando para destruí-los.

O sono acabou por reivindicá-lo.

Mesmo com as palavras entre eles, quando ele acordou ao amanhecer, Nesryn estava aninhada contra ele sua mão aconchegada contra seu peito nu. Direto sobre seu coração — como se ela o segurasse suavemente em sua palma.

Chaol colocou a mão sobre a dela, ouvindo sua respiração estável e inalterável.

Ele iria lutar, mas... ele não estava certo de como começar esse negócio de viver.

Extra de Império de Tempestades

A Rainha e sua Corte

Eles haviam cruzado a fronteira dois dias atrás. A pequena cidade ardendo ao sol do meio-dia foi a primeira coisa que eles encontraram, as pedras cinzentas e o musgo — as telhas salpicadas gastas pelo tempo e quase desmoronando. Nenhuma estrada principal se ligava a ela, pelo menos nenhuma além de um sulco de caminho feito pelas carroças através de grama e lama — e fazendas recém-cultivadas a rodeavam por uma boa milha em qualquer direção.

No topo de uma paisagem coberta de grama e rocha, Aelin examinou a extensão de colinas através do pequeno vale, a cidade em seu coração e o antigo passeio pela Floresta Carvalhal que se estendia além.

— O estabelecimento é pequeno, mas surpreendentemente bem abastecido — Lysandra disse ao lado dela, ainda sem fôlego por ter ficado explorando. Rowan a acompanhou, mantendo distância, permitindo que a metamorfa recolhesse quais informações eram vitais e mostrando o que haviam perdido. Ele estava treinando-a desde que eles deixaram Forte da Fenda: não apenas escolta, mas o voo. A ler os ventos também. A metamorfa continuou: — As pessoas pareciam bastante amigáveis. Eu poderia comprar o que precisamos e acabar em uma hora mais ou menos. Então, encontro vocês na floresta com uma carroça.

Aelin finalmente chamou sua atenção para longe da aldeia e do vale. Lysandra usava sua forma humana, raro, nos dias de hoje.

— Eu suponho que você faria isso como um... homem?

Lysandra apoiou as mãos nos quadris.

— Não, como um esquilo.

A boca de Aelin se contraiu.

— Seria fascinante.

— O que seria fascinante? — Aedion andou de onde ele estava escovando os cavalos, Ligeirinha trotando alegremente em seus

calcanhares. Aelin percebeu o modo como seu primo olhava para Lysandra, ou como a metamorfa deliberadamente o ignorava. Ligeirinha foi até a metamorfa, no entanto, e a encheu de lambidas desleixadas.

Aelin indicou a metamorfa com o queixo, que agora estava esfregando a cabeça macia de Ligeirinha.

— Lysandra planeja barganhar por nossa comida, aparentemente.

As sobrancelhas de Aedion se franziram.

— O que?

As damas bufaram, exatamente quando Rowan disse, de onde ele e Evangeline estavam reunindo baldes de água:

— Não se incomode em ficar no meio dessa tolice, Aedion.

Aelin mostrou a língua para o príncipe feérico. Evangeline deu uma risadinha — então rapidamente escondeu o sorriso quando Rowan lançou um olhar para ela. A garota correu para Lysandra — perdendo a seriedade nos olhos de Rowan enquanto ela domava Ligeirinha.

Algo se apertou no peito de Aelin ao ver a diversão silenciosa em Rowan.

Ele e Aedion tinham sido gentis com a garota — sabendo quando provocar, quando consolar. Dois irmãos mais velhos e arrogantes — e assassinos treinados e letais. Que os deuses ajudem Evangeline quando ela tiver idade o suficiente para se interessar por alguém romanticamente.

Apesar do horror de sua infância, mesmo com a intervenção de Lysandra... Aelin supôs que todos ficariam felizes quando esse dia chegasse. Mas no momento em que qualquer jovem olhar demais para Evangeline... Aelin sorriu para si mesma.

O homem — ou a mulher, ela supôs — não teria apenas Rowan e Aedion rosnando sobre eles. Ah não. Eles teriam uma rainha vadia e cuspidora de fogo e uma metamorfa capaz de se transformar no rosto de seus piores pesadelos esperando para ter uma pequena conversa.

Honestamente, é o suficiente para fazer qualquer um ter pena da menina.

Ligeirinha pareceu se afastar quando Evangeline se endireitou e colocou os braços ao redor da cintura de Lysandra, segurando-a com

força. A metamorfa sorriu distraidamente ao ceder para a garota, acariciando seus cabelos louro-avermelhados.

— Se você se transformar em um esquilo — disse Evangeline na camisa branca empoeirada de Lysandra — você vai viajar no meu ombro e me deixar fazer um chapéu para você usar?

Aelin mordeu o lábio, caminhando em direção a Rowan e a água antes que ela pudesse encontrar o olhar de Lysandra e gargalhar. Rowan estava de fato apertando os lábios, seus olhos deslumbrantemente brilhantes. Aelin uniu o braço dela ao dele e levou o príncipe em direção ao bosque atrás deles — rapidamente.

Aelin andou cerca de três metros na floresta sombreada antes que ela começasse a gargalhar, ecoando pelas árvores e dispersando os pássaros, sonolentos no calor do meio-dia.

Rowan riu, esfregando seu pescoço quando Aelin espumou e gorgolejou. Rir de Evangeline era algo que nenhum deles estavam particularmente dispostos a fazer, mas... pelos deuses.

— Estou sinceramente debatendo a oferta de uma moeda de ouro para Lysandra apenas para que eu possa ver sua pequena roupa de floresta — disse Aelin quando ela conseguiu se recompor.

Rowan riu novamente.

— Eu não acho que você precisaria pagar nada a ela, ela fará isso apenas para deixar a garota feliz.

De fato. Todos estavam dispostos a fazer a garota feliz. Evangeline havia sofrido o suficiente — viu muito mais do que uma criança poderia testemunhar. Aelin e Lysandra também tinham. Assim como Aedion, ela supôs. Mas de todos eles...

— Você teve uma infância feliz — ela disse, mais afirmando do que questionando.

Rowan acenou com a cabeça, no entanto.

— Sim, meus pais faleceram quando eu ainda era jovem. Mas, honestamente, a casa do meu tio era muito mais... divertida. Nossa educação era rigorosa, mas havia alegria naquela casa. Com seis filhos mais eu, além de uma horda de meus outros primos que moravam nas proximidades, era um zoológico.

Aelin levantou uma sobrancelha.

— Literalmente, com suas outras formas.

Ele beliscou o braço dela.

— Você não tem ideia. Quando nossos tutores e enfermeiras nos davam ordens, nós simplesmente voávamos para longe. Então meu tio instalou fechaduras nas janelas e as colocou nos candelabros e estantes de livros, apenas para nos impedir de ter onde voar.

Aelin riu.

— Eu tenho dificuldade de imaginar seu mau comportamento.

As sobrancelhas de Rowan se levantaram.

— Eu era obediente em público. E entre estranhos, era quieto. Mas na propriedade do meu tio... Talvez eu fosse mais calmo que alguns de meus primos, mas éramos selvagens.

— E todos vocês podiam se transformar em falcões?

— Principalmente aves de rapina preenchem a linhagem Whitethorn. Meu primo Enda pode se transformar em um falcão peregrino. Sellene, outra prima de tio diferente, se transforma em uma águia de ouro. Mas todos nós podemos suportar gelo e vento, o que era uma preocupação para nossos tutores.

Aelin andou a passos largos para uma árvore e encostou-se a ela.

— Mas você queria evitá-los quando foi para Doranelle.

Ele enrijeceu um pouco.

— Eles... o relacionamento deles com Maeve pode ser tenso. Arrastá-los para esse inferno que eu tinha certeza de que estávamos caminhando, apenas traria problemas.

— Eles teriam ficado do seu lado, contra ela?

— Faz tanto tempo desde que eu me preocupei em passar mais do que alguns minutos com eles que eu sinceramente não sei. Eu não fui gentil com eles por um bom tempo. Eu estava preocupado que eles pudessem adicionar mais obstáculos para você e para mim.

Ela inclinou a cabeça.

— O que aconteceu entre vocês?

— Depois de... Lyria — ele disse, ainda hesitando no nome de sua parceira, como se ela o tivesse ferido com algo afiado — quando voltei

de minha jornada e fiz o juramento de sangue a Maeve, eu... eu afastei todos com que eu tinha me associado antes disso. As pessoas que a conheciam. Era mais fácil me cercar de exércitos, do que enfrentar a compaixão de meus primos. Enda e eu éramos mais próximos enquanto crescíamos. Ele ia me visitar toda semana se eu estivesse em Doranelle. Eu me recusei a vê-lo. Então eu fui para a guerra, e quando voltei dois anos depois, ele não veio novamente. — Ele deu de ombros. — O resto dos meus primos às vezes me encurralavam em eventos ou apareciam na minha porta, mas eu os mandava embora.

Ela considerou suas palavras.

— Eu não culpo você. — Ele parecia cantar um pouco. Se afastando da árvore e dando alguns passos em direção a ele, ela perguntou: — Você tem uma casa legítima?

— Muitas, na verdade: propriedades de meus pais, de várias outras gerações.

— Suponho que você as redecorou no estilo dos guerreiros.

Ele revirou os olhos, indo até ela.

— Eu as deixei precisamente como elas foram dadas a mim. Abafadas, cheias de babados e absolutamente inúteis.

— Apenas um feérico brutamontes acharia isso do luxo.

Ela deixou que ele a apoiasse contra a árvore, deixou que ele apoiasse as mãos de cada lado da cabeça dela.

— Se eu não tivesse sido banido de Doranelle pelo resto da eternidade, eu a convidaria para vir brincar de casinha. E eu te daria dois dias antes que você ficasse entediada e reclamasse disso.

— Acontece que eu amo brincas de casinha. Aninhar é uma forma de arte para mim. — Seus lábios se contraíram.

— Não se atreva a transformar isso em uma piada sobre pássaros.

Ela cerrou a mandíbula, mesmo quando seus lábios tremiam.

Rowan sacudiu o nariz dela.

Ela afastou a mão dele, rindo baixinho.

— Nossos amigos estão suspeitosamente quietos.

— Aposto que eles decidiram dar um passeio na direção oposta. — Ele se inclinou até que sua respiração aqueceu sua boca.

— Devemos obter esses suprimentos da cidade. — Era uma oferta indiferente na melhor das hipóteses.

Os lábios de Rowan roçaram os dela quando ele murmurou:

— Podem esperar um minuto ou dois.

Seu primeiro beijo foi pouco mais que um sussurro. Seguido por outro, suave e lento, contra um canto da boca. Então o outro.

— Dez minutos — ela murmurou, estabelecendo-se contra a árvore atrás dela. — Vamos dar a eles dez minutos.

— Vinte — foi sua única resposta quando ela ergueu o queixo para que ele pudesse ter melhor acesso à sua boca, deixando-o colocar os beijos de pluma de luz repetidamente.

— Você se lembra daquele dia em Defesa Nebulosa? — Aelin respirou — quando eu finalmente dominei a mudança e nós corremos pela floresta?

Rowan fez uma pausa por tempo suficiente para acenar com a cabeça.

Ele se inclinou novamente para beijá-la, mas ela colocou um dedo em seus lábios. Ele encontrou seu olhar, seus olhos escuros fervendo.

— Você olhou para mim quando estávamos correndo através das árvores, e você sorriu. — Ela engoliu em seco. — E você parecia... você parecia tão vivo, tão selvagem e vivo, e.... — Ela traçou o contorno dos lábios dele. — Acho que foi o momento em que comecei a desejar você. Eu não sabia disso na época, mas... acho que foi. Você era tão real e perverso e selvagem como eu era, e quando você viu minha velocidade e a herança feérica, você não recuou... Quando você apenas sorriu para mim... Ninguém nunca tinha feito isso antes. Você viu tudo de mim, mas ainda sorriu.

Rowan afastou uma mecha solta do rosto dela.

— Acho que nós dois tentamos por um longo tempo, nos convenceremos de nossa... neutralidade. — Ele beijou uma de suas maçãs do rosto, depois a outra. — Eu acho que prefiro muito mais isso.

Os dedos dos pés se contraíram dentro das botas.

— Igualmente, príncipe — disse ela em sua boca, puxando-o contra ela, saboreando cada centímetro rígido e ondulação de músculo. — Igualmente.

No final, Rowan e Aelin foram embora depois de trinta minutos.

Tempo suficiente para que Aedion e Lysandra resolvessem que estavam todos indo para a aldeia.

Uma pessoa recebendo muitos suprimentos pode chamar atenção, tanto de espiões quanto de supostos ladrões, e depois de tanto tempo na natureza, Aelin estava desejando pelo menos alguma aparência civilizada. Como Rowan vagou pela floresta por dez anos...

Aelin não gostou de pensar nisso. Ele sozinho por tanto tempo, ou a tristeza, a culpa e a raiva que o jogaram tão profundamente naquele abismo.

Que mesmo quando ele retornou à civilização uma década depois, ele não tinha realmente... vivido. Sim, ele tinha ido para a guerra, ido em mil aventuras, mas... Aelin manteve-se perto de Rowan enquanto eles faziam seu caminho para a pequena aldeia, encapuzados e camuflados.

Lysandra estava realmente usando a forma de um homem corpulento e simples, para ser seu negociador enquanto eles conseguiam o que precisavam. Evangeline era sua filha, Aelin, sua babá, e os dois homens, seus guardas contratados. O papel deles era simples: eles eram um pequeno bando viajando para o norte para visitar parentes há muito perdidos, agora que os exércitos de Adarlan finalmente estavam partindo.

Com o meio-dia se aproximando da tarde, muitos dos habitantes da aldeia terminaram o almoço e voltaram para os campos para cuidar da colheita agora abundante no solo escuro. O momento perfeito para ir; a principal rua de terra estava quase vazia. Exceto pelo centro da cidade, onde o murmúrio de silêncio sussurrou para fora, junto com o esguicho de água e retalho de roupa molhada. Algum tipo de fonte, sem dúvida.

Chegaram ao vendedor que Lysandra havia visto, a metamorfa fazendo um espetáculo estonteante de subir as escadas do pequeno prédio de pedra e ordenando que esperassem do lado de fora.

A risada silenciosa de Aedion no desempenho lhe rendeu um olhar de advertência afiado de Evangeline. Aelin baixou a cabeça, sempre a babá recatada, para esconder seu sorriso enquanto Aedion murmurava suas desculpas à garota.

Eles levaram os cavalos para a calha de pedra na borda do edifício, e Aelin casualmente olhou para a aldeia tranquila ao redor deles.

Uma rua principal ladeada por uma taverna solitária mas rechonchuda, de alguma forma, perdera a moda dos últimos cinco anos e um ferreiro. Todos foram intercalados com o que parecia ser um ou dois chalés. Nenhuma estrada levava às casas além da rua, só a grama e as pedras pareciam marcar o caminho.

— Você já veio aqui antes? — Aelin perguntou a Aedion das sombras de seu capuz, acariciando o pescoço de sua égua enquanto o cavalo bebia profundamente.

— Não, eu nem sei o que é aqui — murmurou Aedion, olhando por cima do ombro. Algumas pessoas olhavam para eles enquanto corriam da fonte de pedra cinza e suja de líquen no coração da cidade, a maioria mulheres com as roupas do dia em suas cestas para estendê-las em casa.

— Há algumas casas abandonadas — observou Aelin. — Você acha que é perto da fronteira de Adarlan?

— Acho que é melhor não falar sobre isso aqui — interrompeu Aedion. Aelin se endireitou. Seu primo acrescentou um pouco mais suavemente, uma mão flutuando para a espada de Orynth escondida sob as dobras de sua capa. — Adarlan saqueava, as pessoas às vezes desapareciam. Ou partiam. Duvido que qualquer uma das explicações seja agradável.

E este era o seu povo. Esta vila era dela.

Seu capuz ficou um pouco sufocante, mas Aelin passou a mão pela crina da égua. Rowan, seu cavalo bebendo avidamente em frente ao dela, perguntou:

— Há muitas aldeias como esta?

— Hoje em dia? — A mão de Aedion permaneceu no pomo de osso de sua espada. — As pequenas aldeias como esta, não ligadas a muitas estradas principais, para os exércitos marchando, muitas são apenas pedaços de entulho. Adarlan tomou e tomou, e quando eles acabaram, eles queimaram tudo.

Sua garganta se apertou.

— Tentamos ajudar, — acrescentou Aedion — Mas... geralmente estávamos muito longe ou era muito tarde.

Aelin virou a cabeça para ele.

— Você... — As palavras secaram. — Pelos deuses, Aedion, ninguém te culpa por isso.

Se qualquer coisa... ela balançou a cabeça.

Seu primo acariciou o pescoço de seu cavalo.

— Nós não poderíamos ter feito muito, de qualquer maneira. Não sem cruzar um limite perigoso com Adarlan. Nós tentamos fazer com que os portadores de magia se escondessem. Mas Adarlan sempre os encontrava.

Um tremor percorreu a espinha de Aelin. O rei de Adarlan, de maneira distorcida, tentara salvá-los: havia cortado a magia para que os Valg, quando viessem, não pudessem procurá-los. E quando isso não funcionou, ele executou qualquer um com magia fervendo em suas veias. E aqueles que tentaram protegê-los.

— E os feéricos? — Rowan perguntou baixinho. Os olhos turquesa de Aedion cintilavam nas sombras do capuz.

— Adarlan tinha caçadores. Como e onde eles foram treinados, eu não sei. Mas eles encontraram os poucos feéricos que haviam aqui. Os que não fugiram para a montanha, pelo menos.

Rowan não respondeu.

O coração dela se partiu um pouco quando Aedion acrescentou:

— Sinto muito.

— Como Aelin disse — Rowan respondeu — não foi sua culpa. Ou o seu fardo para suportar.

Aelin poderia ter ecoado o sentimento se ela não tivesse ouvido o som que correu pela cidade.

Risadas. Crianças rindo.

E ela não tinha ouvido. Não esperava isso lá, entre todos os lugares, e não ouvia o som havia tanto tempo que ela se virou do cavalo para procurar a fonte.

Havia cinco delas, a mais velha não tinha mais do que onze anos de idade e a mais nova talvez seis, todas balançando e correndo ao redor da fonte da cidade. Gritando de alegria enquanto eram perseguidas por...

Aelin deixou a égua para trás, cabeças viraram enquanto caminhava em direção à fonte.

Borboletas de água, água pura, esvoaçavam e perseguiam as crianças, emergindo da fonte e cintilando ao sol do meio-dia. Os adultos pararam de lavar roupa e conversar para assistir, as crianças totalmente inconscientes de sua audiência. Deliciando seus rostos quase brilhando, sua gargalhada estridente e passos correndo, o único som em meio à fonte borbulhante.

E no coração de sua alegre tempestade... uma garota com rosto sujo ao redor de outras oito contorceu os dedos, os olhos cerrados de concentração, enquanto suas criaturas voavam para a vida da fonte.

— Poderosa. — Rowan murmurou, aparecendo ao lado de Aelin com aquele silêncio sobrenatural. — Ela se tornará uma usuária de magia poderosa se já puder reunir esse controle, provavelmente sem treinamento.

De fato, Aelin mal podia convocar mais do que uma fita de água, quanto mais criaturas animadas reais. Ela notou os rostos dos adultos, no mesmo momento em que eles perceberam quem estava entre eles.

Diversão cautelosa se transformou em algo duro e frio. Aelin encontrou os olhos de uma mulher mais velha perto da fonte, os outros pareciam olhar para ela em busca de orientação. Sua líder, ou alguma pessoa de autoridade. O rosto bronzeado e enrugado da mulher endureceu. Aelin apenas inclinou a cabeça, oferecendo um pequeno sorriso para a mulher.

Uma palavra sibilada de outra lavadora fez a garota parar. As outras crianças pegaram a onda de silêncio e ficaram imóveis.

Aelin estendeu a palma na direção delas. Na direção da garota agora se escondendo atrás das saias da lavadora que a silenciou.

Com o ardente sol do meio-dia, o fogo de Aelin se enfureceu e rugiu em suas veias, e ela quis que se esfriasse. Para resolver. Suor desceu por sua testa, mas se manteve firme quando uma gota de suor se formou no ar acima de sua palma.

A garota soltou um suspiro que ecoou pelo ambiente silencioso.

Aelin sorriu um pouco mais, deixando a água crescer do tamanho de uma maçã e depois girando.

Os adultos murmuraram, olhando um para o outro, e aquela mulher encontrou o olhar de Aelin. Já a magia começou a cessar um pouco, a orbe lisa rasgando e cedendo em alguns pontos.

Todos observaram quando uma pequena borboleta d'água saiu da fonte e pousou na esfera de Aelin, com as asas flexionadas.

Uma risada de alegria se alojou na garganta de Aelin enquanto ela examinava minuciosamente os detalhes. A garota não era apenas forte. Ela era criativa. Ela usou correntes diferentes para moldar os padrões das asas, a borboleta inteira em constante dentro de sua forma.

Aelin ficou perfeitamente imóvel, concentrando-se tanto para manter intacta aquela esfera que mal registrou a briga entre a garota e sua protetora. Do canto do olho, ela notou a garota se aproximando, as outras crianças olhando em torno das saias da mãe, mas não ousou romper o foco até que a garota parou em sua frente e sussurrou:

— Você é como eu?

O sotaque. O sotaque de Terrasen, a cadência das palavras...

Ela não havia falado com alguém de seu povo, em sua própria terra, em... muito tempo.

Ela se perguntou se a menina notou que a esfera espirrava a água para a terra não exatamente para mostrar. A borboleta de água, no entanto, decolou, agitando-se ao redor deles como se estivesse bêbada no néctar.

Aelin encontrou o olhar castanho da menina e disse:

— Não tão talentosa como você, mas sim.

E o som do sotaque, a mistura de Terrasen com Adarlan... O queixo da garota se levantou. Desconfiança, um pouco de medo. Mas coragem. Uma grande quantia de coragem. A garota não recuou.

— Nós estávamos jogando — a garota disse, como se eles precisassem de defesa. Como se... As casas vazias, os rostos cautelosos, cortassem os olhos de Aelin.

— Eu vi — disse Aelin gentilmente. Calmamente. — Você é muito habilidosa.

Um dar de ombros.

— Quantos anos você tem?

— Nove.

— Uma boa idade. — Pequena, para nove. Talvez a pobreza tenha cobrado seu preço. O estômago de Aelin se apertou.

— Quantos anos você tem?

Uma mulher engasgou atrás dela.

Aelin bufou uma risada.

— Dezenove.

— Uma boa idade — disse a menina assentindo sabiamente. Aelin riu outra vez.

Atrás dela, Aelin percebeu o monitoramento de Rowan e Aedion, mas não foram os homens que atraíram a atenção da garota.

— O que aconteceu com o rosto dela?

Aelin sabia quem ela queria dizer, mesmo sem olhar para cima do ombro, para Evangeline, que ficava entre Aedion e Rowan, cada guerreiro com uma mão em seu ombro.

No sol forte, as cicatrizes da garota eram evidentes, brutais.

— Pessoas más tentaram machucá-la — disse Aelin.

— Mamãe diz que com magia, eu poderia ser uma grande curandeira.

— Realmente, você poderia. — Aelin respondeu, voltando sua atenção para onde a mulher agora os monitorava com um rosto de pedra.

— Eu poderia curar as cicatrizes dela um dia, talvez.

Aelin considerou.

— Isso é muito gentil de sua parte. Eu suponho que seria decisão da minha amiga, no entanto, se ela desejasse removê-las. — Com a cura baseada em magia, ainda seria um processo brutal, mas... talvez fosse possível.

— Eu poderia curar as suas também.

Coisinha de olhos atentos.

— Você poderia fazer isso e muito mais coisas — disse Aelin. Ela disse um pouco mais alto, só para que os adultos pudessem ouvir: — Você poderia garantir que seus campos e fazendas recebam água adequada. Você poderia manter a fonte bem segura. E sim, você poderia aprender a cuidar e curar dos doentes e feridos.

— Onde? — Disse uma baixa voz feminina.

Aelin olhou para a mulher mais velha sentada na pedra rachada da fonte: a matriarca da cidade.

— Onde ela aprende essas coisas? — A mulher insistiu.

Aelin fez uma pausa. Ela não sabia. Não tinha ideia.

— Eles queimaram a academia de magia — disse a mulher. — Não há mais lugar para aprender.

— Eu sei — disse Aelin.

— Então não coloque sonhos na cabeça dela — a mulher disparou.

As bochechas de Aelin se aqueceram. Mas Aedion disse atrás dela, ainda escondido sob o capuz:

— Terrasen será reconstruída. Dê alguns anos e haverá um lugar.

— Se a guerra não nos destruir — disse a mulher, levantando o queixo para os outros para retomarem a lavagem. — Melhor estar na estrada em breve, se você quiser chegar à próxima cidade até a noite.

Uma despedida brusca, se não ríspida.

Aelin não os culpou. Ela olhou para a garota diante dela, olhou para aqueles grandes olhos castanhos. E ela sussurrou para que ninguém pudesse ouvir, nem as mulheres lavadeiras ou os homens feéricos monitorando:

— Se a guerra vier, se sobrevivermos, espere um ano depois do fim. Então venha para Orynth e encontre Celaena Sardothien. Vá até o castelo

e diga a eles que está procurando por ela e finalmente tenha as lições de magia.

– Phedre – chamou a mulher mais velha. Uma ordem.

Mas Aelin se inclinou, sussurrando no ouvido no ouvido de Phedre enquanto colocava uma moeda de ouro em seu bolso.

– Não tenha medo do que faz você brilhar intensamente.

Se a garota sentiu ou identificou o peso repentino no bolso, ela não deixou transparecer. Phedre assentiu com a cabeça, seus olhos brilhando, e correu. Lysandra logo terminou na loja do vendedor, e eles saíram da vila imediatamente, um grupo de mulheres e homens seguindo-os em direção à floresta para ter certeza de que eles tinham ido embora para sempre.

Mas, depois de meia milha, nas encostas de grama e até os limites da Floresta Carvalhal, uma borboleta d'água voou ao ombro de Aelin.

Sentados ao redor de uma fogueira feita por Aelin, horas depois na Floresta Carvalhal, um ninho emaranhado ao redor deles, jantavam frutas frescas e alguns cortes finos de carne que Lysandra havia conseguido para eles. Um tratamento raro e indulgente quando eles podiam caçar por si mesmos, mas... nenhum deles reclamava.

A metamorfa permaneceu na forma humana por tempo suficiente para devorar sua parte, mas agora descansava em forma de leopardo-fantasma aos pés de Evangeline. Ligeirinha, no entanto, sentou-se ao lado da moça, os olhos fixos na carne ainda nos dedos de Evangeline.

Evangeline parou de comer e não disse a ninguém em particular:

– Um curandeiro poderia me consertar? – Não há nada para consertar – disse Aedion, um pouco baixo demais.

Lysandra grunhiu, mas parecia estar ouvindo, esperando uma resposta.

Todos olhavam para Rowan, que franziu a testa ligeiramente.

– O processo exigiria tratamentos intensos, com... – Ele refletiu, e disse cuidadosamente: – Com as cicatrizes sendo tão profundas.

Lysandra ficou tensa. Aedion não foi o único deles que se culpou pelo passado. Evangeline passou um dedo pelo lado do rosto.

— Que tipo de tratamentos?

Aqueles olhos vítreos eram tão grandes, tão cheios de... esperança. Medo, sim, mas esperança.

— O tipo que pode te machucar muito até que as cicatrizes melhorem.

— Mas elas iriam desaparecer?

— Possivelmente.

Aedion arrastou a bota contra a sujeira.

— Você não precisa Evangeline. Você é perfeita assim.

Evangeline sorriu para Aedion, satisfeita e feliz. Aelin olhou para Rowan, que aparentava como ela: como se alguém tivesse lhe dado um sôo no estômago.

Lysandra estava apenas olhando para a jovem, devastação naqueles olhos verdes pálidos. Devastação e ainda... Lysandra olhou para Aedion. Que se mudou para sentar ao lado de Evangeline e estava mostrando a ela como fazer um nó em corda. Aelin não perdeu a mudança na expressão de Lysandra, mesmo em forma de leopardo-fantasma, enquanto ela observava o guerreiro.

Aelin encontrou os olhos de Rowan novamente, e ele se inclinou para pressionar um beijo suave em seu pescoço. Ele disse, tão baixinho que nenhum deles podia ouvir:

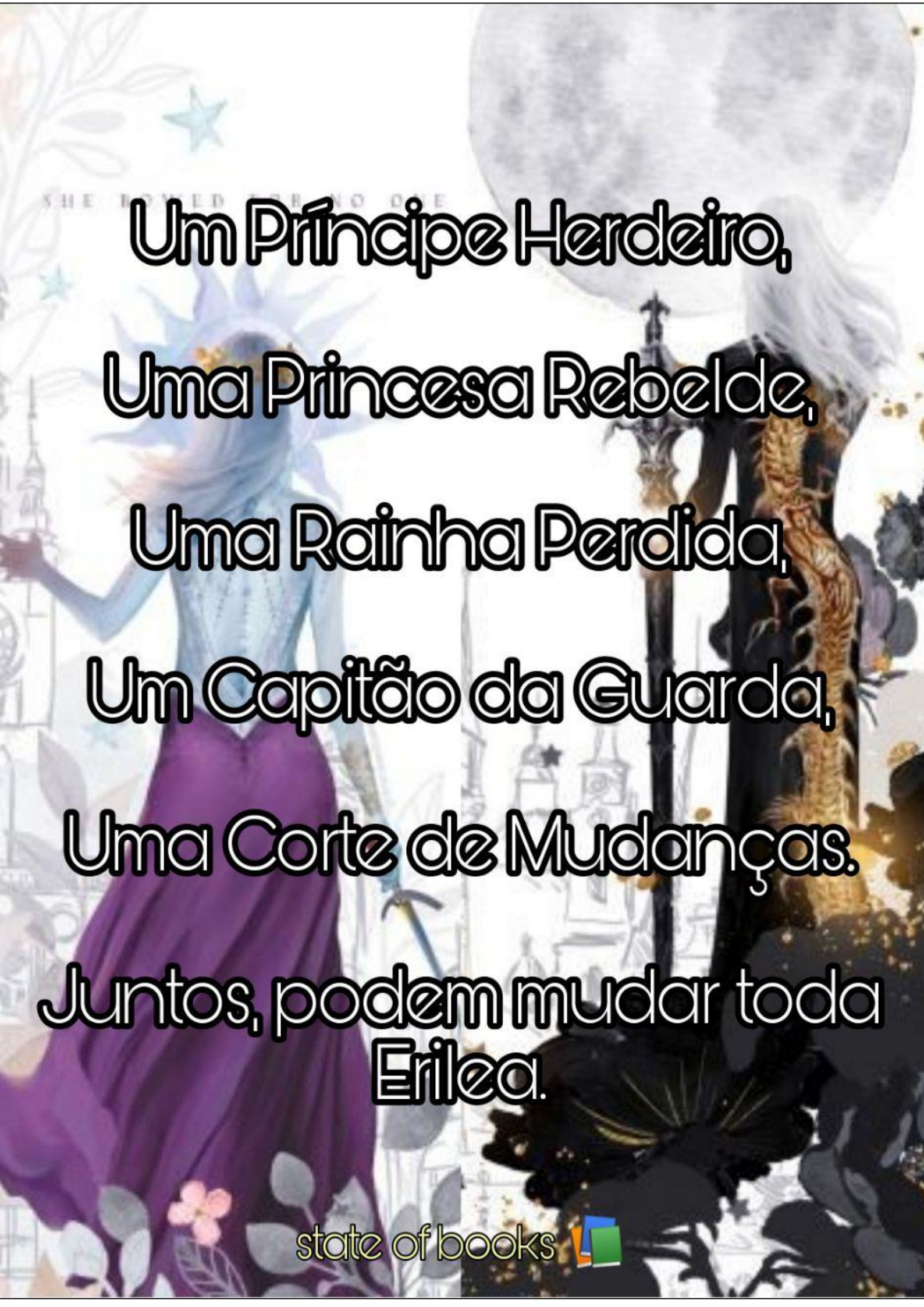
— Você disse à garota para ir a Orynth, não foi? — Ela assentiu. Rowan se afastou para olhar seu rosto, para estudá-la. O orgulho em seus olhos fez sua garganta apertar. — É uma honra servi-la.

Mas Aelin sacudiu a cabeça, olhando para ele, para Aedion, para Evangeline e para Lysandra, observando todos eles.

— A honra é toda minha — ela disse suavemente.

Na manhã seguinte, o grito de alegria de Evangeline foi quase alto o suficiente para acordar os mortos adormecidos em seus túmulos nas colinas do sul. Lysandra permaneceu em forma de esquilo ao longo do

dia, e no outro depois disso, e usava seu chapéu tão orgulhosamente quanto qualquer dama, enquanto andava sobre o ombro de Evangeline.



Um Príncipe Herdeiro,
Uma Princesa Rebelde,
Uma Rainha Perdida,
Um Capitão da Guarda,
Uma Corte de Mudanças.
Juntos, podem mudar toda
Erilea.